

**CURSO DE PSICOLOGIA**

Renata da Silveira Borstmann

**A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E TEMPO NOS PROCESSOS DE  
SUBJETIVAÇÃO DAS TRABALHADORAS SAFRISTAS DAS INDÚSTRIAS DO  
FUMO DE SANTA CRUZ DO SUL**

Santa Cruz do Sul

2017

Renata da Silveira Borstmann

**A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E TEMPO NOS PROCESSOS DE  
SUBJETIVAÇÃO DAS TRABALHADORAS SAFRISTAS DAS INDÚSTRIAS DO  
FUMO DE SANTA CRUZ DO SUL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Karine Vanessa Perez

Santa Cruz do Sul

2017

*Dedico este trabalho as mulheres, trabalhadoras, mães,  
que, com suas lutas diárias, conquistam seu espaço,  
pertencimento e reconhecimento no mundo.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Neusa e Dilson, por me proporcionarem todas as oportunidades que almejo alcançar e vivenciar. Por depositarem todo o amor, carinho e cuidado durante os momentos de medo e angústias. Sem vocês, eu não teria chego até aqui. Minha eterna gratidão!

À minha irmã, Eduarda, por trazer leveza e alegria, principalmente nos dias em que tudo parece “desabar”. Por cada “é isso aí, tu já conseguiu” ou “vai dar tudo certo”. Obrigada pela parceria, cumplicidade e amor.

À toda a minha “grande família” (Vó Maria, Tia Ana, Lúcio, Antônio, Dinda, Volnei, Ana Luíza, João, Tia Néia e Thomaz) por me mostrarem o verdadeiro significado da palavra união. Cada um de vocês foi fundamental para o meu desenvolvimento e crescimento. Obrigada por fazerem tanto por em mim.

Ao meu namorado, Pablo, por trazer ainda mais movimento e desacomodação em minha vida. Obrigada por cada desafio e por fazer eu acreditar ainda mais em mim mesma. Por todas as palavras de incentivo, de cuidado, de compreensão e de amor.

Às “sis”, Ana Carolina, Yohanna, Vitória e Drielli, pela amizade e parceria construída desde o início da graduação. Por todos os momentos compartilhados, sejam de alegrias ou de angústias. Por nossos encontros, sempre acompanhado de muitas conversas, reflexões, e claro, regados com muitas risadas. Obrigada por tornarem a faculdade um lugar ainda melhor.

Aos meus colegas e amigos de graduação, pelas trocas e reflexões estabelecidas seja em sala de aula, estúgios ou nos corredores do 35. Cada um tem um lugar muito especial no meu coração.

À minha querida orientadora, Karine, o meu sincero e profundo agradecimento. Por acreditar em mim e em minha proposta de pesquisa. Por cada momento – inclusive os sábados à noite – em que se manteve disposta a me ajudar e contribuir em minha formação. Por todo o aprendizado, reflexões e afeto. Obrigada pelo incentivo, pelo carinho, pela compreensão, pela sensibilidade e pelo cuidado oferecido durante todo processo deste trabalho.

Aos meus professores de graduação, por todos os ensinamentos e aprendizados proporcionados ao longo destes anos.

Às protagonistas desta pesquisa, trabalhadoras safristas das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul, pela confiança em compartilhar suas vivências de trabalho, suas lutas e conquistas diárias. Sem vocês, a realização deste trabalho não seria possível. Muito obrigada!

Ao Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação, por apoiar a realização desta pesquisa. Obrigada pelo espaço concedido para a realização dos encontros, pelas informações e conhecimentos oferecidos.

A todos que, mesmo não citados diretamente contribuíram na minha trajetória acadêmica, seja com palavras de carinho, de apoio e de incentivo. A vocês o meu muito obrigada.

À vida, por ser tão bela e proporcionar momentos valiosos e inesquecíveis como este.

***“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a  
liberdade seja a nossa própria substância”***

Simone de Beauvoir

## RESUMO

As recentes e profundas transformações no mundo do trabalho, contribuíram para um contexto em que as condições de trabalho tornam-se cada vez mais flexíveis. Houve um aumento na precarização das relações de trabalho, que são manifestadas, principalmente, na instabilidade dos empregos, na informalidade, nos trabalhos subcontratados, temporários e parciais. Essas mudanças tiveram forte impacto na classe trabalhadora, afetando na inserção e nas condições de trabalho, principalmente para o público feminino, visto que, historicamente, as mulheres têm sido desvalorizadas em detrimento da força de trabalho masculina. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo compreender os processos de subjetivação das trabalhadoras safristas das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul. Desse modo, buscou-se identificar quais os efeitos que este trabalho sazonal produz na vida das trabalhadoras safristas, o qual é marcado por condições precárias, interrupção previsível e repetição ao longo dos anos. Esse estudo ancorou-se nos pressupostos teóricos e práticos da Psicodinâmica do Trabalho, que tem também como objetivo compreender a relação entre prazer-sofrimento no trabalho. Assim, foram realizados três encontros de grupos com quatro trabalhadoras safristas no Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação (STIFA) e quatro entrevistas individuais. Ao total oito trabalhadoras participaram desta pesquisa. Na análise do material da pesquisa foi considerado o coletivo nas falas das participantes, ou seja, os aspectos em comuns e relevantes da realidade do trabalho de safra. Evidenciou-se que as participantes se subjetivam nesse trabalho temporário, configurando-se como um modo de trabalhar em que há uma interrupção e, ao mesmo tempo, continuidade ao longo dos anos. Há também um descontentamento com as novas formas de contratação, pois houve uma redução no período dos contratos e maiores incertezas quanto ao reingresso. O trabalho de safra também se mostrou como única oportunidade trabalho para as participantes, levando ao retorno para o mesmo. Apresentou-se também como uma ascensão profissional, pois muitas participantes, antes de ingressarem na safra, atuavam como empregadas domésticas ou diaristas. Foi constatado que o trabalho na safra se constitui como um trabalho essencialmente feminino, dado o elevado número de trabalhadoras mulheres nesse ramo produtivo. Contudo, através das falas das participantes constatou-se que, além dos percalços encontrados neste contexto, há prazer neste trabalho, constituindo-se como um espaço de socialização, para além do âmbito doméstico.

**Palavras chaves:** Trabalho de safra; Precarização do trabalho; Trabalho e Gênero, Produção de Subjetividade; Psicodinâmica do Trabalho.

## ABSTRACT

The recent and profound changes in the world of work have contributed to a context in which working conditions become increasingly flexible. There was an increase in the precariousness of labor relations that are manifested mainly in the instability of jobs, in informality, in subcontracted, temporary and partial works. These changes would have a strong impact on the working class, affecting the insertion and working conditions, especially for the female public, since, historically, women have been devalued to the detriment of the male labor force. The objective of this research was to understand the processes of subjectivation of the safristas workers of the tobacco industries of Santa Cruz do Sul. In this way, the aim was to identify the effects that this seasonal work produces in the life of the safristas workers that is marked by precarious conditions, predictable disruption and repetition over the years. This study was anchored in the theoretical and practical assumptions of Work Psychodynamics, whose main objective is to understand the relationship between pleasure and suffering at work. Thus three group meetings were held with four safrista workers at the Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação (STIFA) and four individual interviews. Eight workers participated in this study. In the analysis of the material of the research was considered the collective of the speeches of the participants that is the common and relevant aspects of the reality of the harvest work. It was evidenced that the participants are subjectivated in this temporary work configuring themselves as a way of working in which there is an interruption and at the same time continuity over the years. There is also discontent with the new forms of hiring, as there was a reduction in the contract period and greater uncertainties regarding return. The harvest work was also shown as unique opportunity work for the participants, leading to the return to the same. It was also presented as a professional rise, since many participants before entering the harvest, worked as domestic maid or day laborers. It was verified that the work in the harvest constitutes an essentially feminine work, explaining the high number of female workers in this productive branch. However, through the statements of the participants it was found that in addition to the mishaps found in this context, there is pleasure in this work constituting as a space of socialization beyond the domestic scope.

**Key words:** Harvesting work; Precariousness of work; Labor and Gender, Subjectivity Production; Psychodynamics of Work.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEREST - Centro de Referência em Saúde do Trabalhador

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PdT – Psicodinâmica do Trabalho

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

STIFA – Sindicato do Trabalhadores do Fumo e da Alimentação

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Transformações no mundo do trabalho: do taylorismo à acumulação flexível.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Precarização do trabalho e gênero.....</b>	<b>20</b>
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 A metodologia da Psicodinâmica do Trabalho .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 A Pré-pesquisa .....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 A pesquisa propriamente dita .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3.1 Análise da Demanda.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3.2 Análise do Material da Pesquisa .....</b>	<b>31</b>
<b>3.3.3 Encontros de grupo .....</b>	<b>32</b>
<b>3.3.4 Entrevistas.....</b>	<b>33</b>
<b>3.3.5 Caracterização das Participantes.....</b>	<b>34</b>
<b>3.3.6 Observação Clínica.....</b>	<b>35</b>
<b>3.4 Interpretação.....</b>	<b>36</b>
<b>3.5 Validação e refutação .....</b>	<b>37</b>
<b>4. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>38</b>
<b>4.1 Descrição dos resultados .....</b>	<b>38</b>
<b>4.2 Análise e discussão dos Resultados .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2.1 Organização do Trabalho de Safra.....</b>	<b>41</b>
<b>4.2.2 Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional .....</b>	<b>47</b>
<b>4.2.3 Trabalho, Subjetividade e Gênero .....</b>	<b>55</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>77</b>

<b>APÊNDICE B - QUESTÕES NORTEADORAS PARA OS ENCONTROS DE GRUPO E ENTREVISTAS INDIVIDUAIS .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE C - CARTA DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO .....</b>	<b>81</b>



**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 Caracterização das participantes da pesquisa .....	31
Tabela 2 – Objetivos da pesquisa, eixos e sub-eixos temáticos .....	36

## 1. INTRODUÇÃO

As recentes e profundas transformações no mundo do trabalho, baseada na forma capitalista de produzir, implicaram em grandes consequências, dentre elas contribuindo para um contexto no qual as condições de trabalho tornam-se cada vez mais flexíveis. Desta forma, houve um aumento na precarização das relações de trabalho, que são manifestadas, principalmente, na instabilidade dos empregos, na informalização, nos trabalhos subcontratados, temporários e parciais, além da perda dos direitos e conquistas trabalhistas.

Todas essas mudanças têm produzido um forte impacto sob a classe trabalhadora, afetando na inserção e nas condições de trabalho, principalmente para o público feminino, visto que, historicamente, as mulheres sempre foram desvalorizadas. Dentro de uma perspectiva de gênero, as desigualdades construídas social e culturalmente, definiram quais os espaços a serem ocupados pelos sexos, no qual o espaço privado é destinado às mulheres e a esfera pública aos homens. Nesse sentido, o desemprego, o aumento dos postos de trabalho temporário, com jornada parcial e com menores rendimentos, ainda abrange, em maior número, o segmento feminino (NASCIMENTO, 2014).

A cidade de Santa Cruz do Sul é conhecida como a “Capital do Fumo”, pois desde os seus primórdios sempre teve uma relação estreita com a produção do tabaco. Na cidade encontra-se o maior complexo de beneficiamento de fumo em folha, contando com a presença de grandes indústrias fumageiras. Sendo assim, grande parte do mercado de trabalho da cidade está envolvida na dinâmica deste ramo produtivo (CADONÁ, 2015).

Durante um determinado período do ano o número de pessoas empregadas no município se eleva devido à necessidade de utilização de mão de obra para a safra. A maioria dos trabalhadores safristas são do segmento feminino, as quais atuam na linha de produção da indústria. A possibilidade de trabalho nas fumageiras representa para uma grande parcela de mulheres, que possuem pouca ou nenhuma qualificação, uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Para muitas, esta é a única experiência de emprego que possuem, repetindo-se por diversos anos, seja na mesma empresa ou em várias.

Nesse sentido, muitas mulheres com baixa ou nenhuma qualificação e provindas, principalmente, de bairros periféricos da cidade, experienciam o trabalho de safra nas indústrias fumageiras de Santa Cruz do Sul. Esse trabalho sazonal, na maioria das vezes, é a única experiência profissional que possuem, sendo marcado por interrupção previsível, mas repetidas ao longo dos anos. Dessa forma, no período em que inicia a safra do fumo, as trabalhadoras se organizam e entram em estado de espera para o retorno neste trabalho.

O interesse pelas questões referentes ao contexto laboral e suas repercussões na vida dos trabalhadores, ocorreu através das práticas vivenciadas no estágio curricular na área Organizacional e do Trabalho, o qual foi marcado por constantes inquietações no que tange as questões relacionadas à precarização das relações produtivas. Durante os processos seletivos foi constatado um elevado número de mulheres que tinham como única experiência profissional, o trabalho de safra nas indústrias fumageiras de Santa Cruz do Sul. Em seus currículos e suas falas, este trabalho sazonal, é vivido por constantes repetições, ano após ano, constituindo-se, assim, paradoxalmente, permanente em suas vidas.

Muitas pesquisas (PUNTEL, 1999; SPIES, 2000; SILVEIRA, 2007) apontam a importância que as indústrias fumageiras possuem para o crescimento e o desenvolvimento da economia do município e para a região, gerando inúmeros empregos todos os anos. Entretanto, são escassos os estudos que abordem sobre quais os efeitos que este trabalho sazonal produz na vida destas trabalhadoras. Diante disso, torna-se relevante compreender como ocorrem os processos de produção de subjetividade neste trabalho, o qual é marcado por condições precárias, interrupção previsível e repetição ao longo dos anos.

Este estudo, ainda, poderá dar maior visibilidade para a discussão entre a precarização das relações de trabalho e as questões de gênero, pois a inserção no mercado de trabalho para o público feminino ainda é marcada por impasses e desqualificação. Ademais, esta pesquisa poderá dar visibilidade ao aspecto regional, visto que grande parte do mercado de trabalho da cidade de Santa Cruz do Sul está envolvido no trabalho de safra nas indústrias do fumo, em especial o público feminino.

A temporalidade que atravessa o trabalho de safra produz efeitos nos processos de subjetivação destas trabalhadoras. Mesmo sem manter um vínculo de continuidade durante o restante do ano neste trabalho e sem ter a garantia de que serão contratadas novamente na safra seguinte, estas se constituem e se denominam como “trabalhadoras safristas”. Diante destas questões emerge o seguinte problema de pesquisa: como ocorrem os processos de produção de subjetividade das trabalhadoras safristas das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul?

Sendo assim, neste trabalho propõe-se a compreender os processos de produção de subjetividade das mulheres safristas da indústria do fumo de Santa Cruz do Sul. Com objetivo de analisar e problematizar esta questão, pretende-se ainda, discutir através de uma perspectiva de gênero, quais os impactos que as transformações contemporâneas no mundo trabalho acarretam na vida destas trabalhadoras.

Para melhor compreender a complexidade que envolve o trabalho na safra do fumo e as relações de gênero que perpassam o campo de trabalho, a presente pesquisa foi dividida em

cinco capítulos, a saber: Introdução; Fundamentação Teórica; Metodologia; Descrição, Análise e Discussão dos Resultados e Considerações Finais.

O primeiro capítulo, “Introdução”, apresenta um entendimento acerca do panorama geral que abarca a explanação acerca da temática da pesquisada. Além disso, traz a justificativa da pesquisa, denotando a sua relevância social, bem como traz os objetivos gerais e específicos que o estudo se propôs a investigar.

No segundo capítulo, “Fundamentação Teórica”, é o momento em que os temas são abordados e contextualizados, contribuindo com aspectos já investigados, servindo assim, como base para a realização da pesquisa. Está dividido em três seguimentos que se referem as Transformações no Mundo do Trabalho; Precarização do Trabalho e Gênero e a compreensão da Produção de Subjetividade no Trabalho sob a Perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho.

No primeiro seguimento do capítulo dois, “Transformações no mundo do trabalho: do taylorismo à acumulação flexível”, são abordadas as modificações do contexto laboral ao longo do tempo, bem como a conjuntura do trabalho contemporâneo. O segundo seguimento do mesmo capítulo “Precarização do trabalho e Gênero” são discutidas as consequências das transformações ocorridos no mundo do trabalho, principalmente sobre o público feminino. E por fim, o terceiro seguimento “Psicodinâmica do Trabalho: produção de subjetividade no trabalho” são abordadas as formas de vivência de prazer e sofrimento no trabalho e o impacto que o mesmo produz na subjetividade dos trabalhadores.

O terceiro capítulo, “Metodologia”, aborda o método utilizado para os procedimentos de campo para a obtenção das informações da pesquisa. A mesma foi desenvolvida a partir da perspectiva teórico-prática da Psicodinâmica do Trabalho (PdT), em que estão descritas todas as etapas da pesquisa: pré-pesquisa, pesquisa propriamente dita, interpretação e validação intermediada pela perlaboração. Ademais, aborda uma adaptação da pesquisa da PdT, tendo em vista as necessidades encontradas no campo, que se refere ao complemento da realização de entrevistas individuais.

O capítulo quatro, apresenta a “Descrição, Análise e Discussão dos Resultados” e visa discutir e refletir aspectos evidenciados durante a pesquisa de campo, correlacionando com a teoria. Está dividido em duas partes, em que o primeiro se dedica a descrever os resultados e a segunda analisa os eixos temáticos que se subdividem, sendo eles: Organização do Trabalho de Safra; Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional e Trabalho, Subjetividade e Gênero.

No capítulo cinco “Considerações Finais” são explanadas as possibilidades de conclusões que se evidenciou a partir da realização desta pesquisa, abordando principalmente as reflexões

e problematizações gerais proporcionadas pelo desenvolvimento do estudo. Traz, portanto, possíveis compreensões acerca da temática da pesquisa que foi proposta a investigar.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Transformações no mundo do trabalho: do taylorismo à acumulação flexível**

A concepção e o conceito trabalho sofreram várias modificações ao longo do tempo. Através da consolidação do sistema capitalista e a Revolução Industrial em meados do século XVIII, o trabalho assumiu novas características diante do fenômeno da industrialização e da urbanização. Diante disso, o homem deixa de ser o centro e o trabalho é transferido para uma máquina, no qual o trabalhador(a) passa apenas a regular, carregar, acionar e desligar o equipamento (GUIRALDELLI, 2014).

No final do século XIX as atividades produtivas se complexificaram, exigindo assim, uma nova forma de gerenciamento nos processos de trabalho. Desta forma, implantou-se o modelo taylorista no interior das indústrias com uma estratégia de otimização do tempo e a padronização da produtividade (GUIRALDELLI, 2014). Nesse sentido, os princípios do taylorismo envolvem os processos de trabalho com ênfase na disciplina e no controle, na fragmentação das tarefas e na hierarquização do trabalho (MATOS; PIRES, 2006), o que acarretou em um distanciamento das decisões do(a) trabalhador(a) perante a execução das tarefas.

No período em que o taylorismo se tornava o modelo de produção mais adequado para o sistema capitalista, tem-se também o desenvolvimento do fordismo, modelo adotado no início do século XX. Este possui traços particulares no processo de produção, sendo caracterizado como “um regime de acumulação e modo de regulação que tem entre suas principais características a produção em massa e a organização produtiva em linhas de montagem automatizadas” (JORGE; ALBAGLI, 2015, p. 247). Desta forma, este modelo de produção baseado na produção em série, separava a elaboração e execução das tarefas, eliminando a dimensão intelectual do(a) trabalhador(a).

De acordo com Antunes (2009) o taylorismo/fordismo detinha uma apropriação intensificada sobre o(a) trabalhador(a), o destituindo da participação nas decisões dos processos de organização do trabalho. Diante da fragmentação entre trabalhador(a) e produto, além da realização de atividades repetitivas e desprovidas de sentidos, os operários passaram a reivindicar estes modelos de produção no final dos anos 1960. No entanto, mesmo não conseguindo superar o modelo de organização capitalista, os(as) trabalhadores(as) ao se

rebelarem contra aquele padrão de trabalho e de vida, perturbaram o funcionamento do capitalismo, sendo uma das causas para a crise dos anos 1970 (PEDROSO, 2006).

As consequências da crise estrutural dos anos 1970 geraram diversas mudanças no sistema político e econômico. Como resposta à crise do padrão de acumulação, houve uma reorganização do capital e no sistema ideológico e político. Desta forma, na tentativa de recuperar a hegemonia e reestabelecer o crescimento do capital, algumas medidas foram tomadas, dentre tais estratégias estão a implantação do neoliberalismo, a privatização do Estado e um intenso processo de reestruturação produtiva (ANTUNES, 2009).

A reestruturação produtiva do capital traz em sua essência a passagem do cronômetro e a produção em série do modelo fordista/taylorista para o padrão de acumulação baseado nos princípios do toyotismo (NASCIMENTO, 2014). A principal característica deste novo modelo é a flexibilização da produção, ou seja, preconiza a adequação da estocagem conforme a demanda, eliminando totalmente o desperdício e o melhor aproveitamento do tempo de produção. De acordo com Antunes (2011, p.36), “o toyotismo estrutura-se a partir de um número mínimo de trabalhadores(as), ampliando-os, através de horas extras, trabalhadores(as) temporários ou subcontratação, dependendo das condições de mercado”.

Todas essas mudanças tiveram grande impacto sobre a classe trabalhadora, visto que com o incremento tecnológico e científico nos processos de trabalho, passou a exigir um(a) trabalhador(a) polivalente e multifuncional, capaz de operar em diversas máquinas simultaneamente, exercendo com mais intensidade sua capacidade intelectual (ANTUNES, 2011). Por outro lado, cria-se uma massa de trabalhadores(as) sem qualificação para atender as exigências deste novo modelo de produção, disseminando-se em formas precárias de relações de trabalho, como os contratos por tempo parcial, os contratos temporários, a subcontratação e o desemprego estrutural (Ibidem, 2011).

Importante ressaltar que no Brasil, a reestruturação produtiva do capital desenvolveu-se com mais intensidade na década de 1990, através da implantação de vários receituários advindos da acumulação flexível e os princípios do toyotismo (ANTUNES, 2002/2003). Além disso, nesse período, a adoção de políticas neoliberais no plano de governo, promoveram a abertura comercial e internacionalização da economia, o que acarretou na introdução de novas tecnologias e em novos métodos de gestão da força de trabalho. Nesse sentido, foram desencadeadas uma série de desregulamentações no mercado de trabalho, principalmente a flexibilização de contratos. Estas transformações tiveram grandes consequências sociais, manifestadas na precarização do trabalho e na desigualdade social (ARAÚJO; CARTONI; JUSTO, 2001).

## 2.2 Precarização do trabalho e gênero

Nas últimas décadas, o trabalho precário tem sido resultado do crescimento da globalização e a expansão do neoliberalismo que, através da reestruturação produtiva, contribuiu para que as condições neste contexto se tornem cada vez mais flexíveis (KALLEBERG, 2009). Nesse sentido, pode ser caracterizado como a ausência da proteção social e de direito, a redução da jornada de trabalho, que resultam em salários baixos, além de baixos níveis de qualificação (HIRATA, 2009).

Por sua vez, a precarização do trabalho pode ser compreendida como um processo social constituído por uma ampliação e institucionalização da “instabilidade” e da “insegurança”, ou seja, se configura como a perda dos direitos trabalhistas, colocando o estado como regulador do mercado de trabalho e das leis que regem a proteção social (DRUCK, 2007 apud CRUZ, 2013). Enquanto processo amplo, a situação da precariedade é evidenciada pela redução dos empregos permanentes ou estáveis nas empresas, bem como pela subcontratação de trabalhadores(as) temporários por tempo determinado, em tempo parcial ou eventuais (CRUZ, 2013).

Ainda que um considerável grupo de trabalhadores(as) tenha sido atingido pela redução dos postos de trabalho e pela precarização nas relações produtivas, alguns grupos sociais foram e são particularmente atingidos em maior proporção (HIRATA, 2009). A construção social da divisão sexual do trabalho possibilitou que o capital se apropriasse da desigualdade existente nas relações de gênero, de modo que a precarização das condições de trabalho se tornam mais evidente para as mulheres (NASCIMENTO, 2014).

O desenvolvimento tecnológico e os novos métodos de gestão da produção criaram novas oportunidades de empregos para o público feminino, inclusive em postos de trabalho que antes eram ocupados, especialmente, por homens. Entretanto, essa maior inclusão das mulheres no mercado de trabalho ocorreu devido às empresas alterarem sua política de contratação, visando à redução de custos (ARAÚJO; AMORIM; FERREIRA, 2004). Diante disso, a feminização no interior das indústrias implicou em uma desqualificação nos processos de trabalho, no qual as atividades passaram a ser desenvolvidas com movimentos repetitivos e em condições precárias, justificando assim, a redução dos salários (HIRATA, 1998 apud ARAÚJO, 2007).

De acordo com Guiraldelli (2014) a atual situação das mulheres no mercado de trabalho é ainda marcada de maneira desigual se comparada à dos homens, e essa desigualdade tem permanecido mesmo com o passar dos anos. Há uma distinção nas oportunidades de qualificação profissional e ofertas de emprego entre homens e mulheres. Assim, tarefas dotadas

de maior desenvolvimento tecnológico são preenchidas em maior número pelo trabalho masculino, enquanto as disponíveis às mulheres são tarefas rotineiras que exigem movimentos repetitivos, pouco qualificados e em condições precárias (HIRATA, 2002).

Outro aspecto a ser considerado é que com a diminuição dos postos de trabalho e o elevado número de desempregos ocorridos na década de 1990, levou muitas mulheres a ingressar no contexto laboral na tentativa de complementar a renda familiar. No entanto, essa visão ligou-se a ideia de que seu trabalho poderia ser de baixa remuneração, visto que seria apenas um complemento aos salários de seus maridos (QUEIROZ; ARAGON, 2015). Diante disso, as inserções no mercado de trabalho ainda são vistas e interpretadas de maneiras diferentes, em que o trabalho do homem é considerado fundamental e o da mulher complementar.

Um dos fatores que também impede uma melhor situação da mulher no mercado de trabalho é a manutenção e a preservação do modelo de família patriarcal. As identidades masculina e feminina que são construídas social e culturalmente é que determinam, na maioria das vezes, quais os espaços a serem ocupados por homens e mulheres, além das funções a serem exercidas. Assim, o aumento do ingresso da mulher no espaço produtivo não extingue suas atividades no espaço reprodutivo. De acordo com Neves e Pedrosa (2007) uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho não significa uma distribuição igualitária dos afazeres domésticos e o cuidado dos filhos, pois continuam dedicando a maior parte do tempo a estas atividades em comparação aos homens.

De acordo com Antunes (2009) a mulher por ser responsável pela realização das tarefas de trabalho tanto dentro quanto fora de casa, torna-se duplamente explorada pelo capital. Isso acontece porque o sistema capitalista necessita do trabalho das mulheres no espaço doméstico, pois conforme Nogueira (2004, p. 225) “é imprescindível para o seu processo de valorização, uma vez que seria impossível para o capital realizar seu ciclo produtivo, sem o trabalho feminino realizado na esfera reprodutiva”. Sendo assim, a construção sociocultural do papel da mulher tem sido utilizada como argumento para a precarização do trabalho feminino, manifestada na contratação de mulheres em trabalhos parciais e temporários, viabilizando assim, a dinâmica reprodutiva do capital nos diferentes espaços (SILVA, 2012).

As novas configurações do trabalho decorrentes do processo de flexibilização, tem contribuído no estabelecimento de novos regimes temporais no trabalho (através da contratação de trabalhos parciais ou temporários) e são as mulheres que vivem mais intensamente a tensão dessa pluralidade dos tempos (NEVES, 2013). Todas essas mudanças que afetam o tempo do trabalho, conseqüentemente afetam a subjetividade das trabalhadoras. Nesse sentido, as novas

experimentações temporais acarretam em implicações nos modos de viver na contemporaneidade. Conforme afirma Nardi (2006) os processos de subjetivação vão se constituindo conforme as diferentes formas pelas quais os sujeitos constroem e são construídos, a partir das experiências que vivenciam.

### **2.3 Psicodinâmica do Trabalho: entendimentos acerca da produção de subjetividade**

A Psicodinâmica do Trabalho (PdT), abordagem científica desenvolvida na França, na década de 1980 por Christophe Dejours, tem como foco o sofrimento psíquico e as estratégias defensivas utilizadas pelos(as) trabalhadores(as) para superação e transformação do trabalho em fonte de prazer. Além disso, possibilita uma compreensão da produção de subjetividade no trabalho. Deste modo, busca compreender como os(as) trabalhadores(as) conseguem manter o equilíbrio psíquico, mesmo que estejam inseridos em condições e organizações de trabalho desfavoráveis (DEJOURS, 1992).

É inegável a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos, sendo este constituinte da identidade do trabalhador(a). No entanto, este pode trazer consequências paradoxais para a sua integridade física, psíquica e social. De acordo com Dejours (2006, p. 98) “o trabalho se revela essencialmente ambivalente. Pode causar infelicidade, alienação e doença mental, como também ser mediador da auto-realização, da sublimação e da saúde.” As consequências podem decorrer da compulsão ao trabalho e, também do não trabalho; podendo ambos promover o adoecimento.

A vida mental do(a) trabalhador(a) é dominada pela organização do trabalho e o sofrimento mental é resultado da organização. Dejours, Abdouchelli e Jayet (1993) trazem três dimensões (organização do trabalho, condições de trabalho e relações sociais de trabalho) para o entendimento acerca da relação entre a organização do trabalho e trabalhador(a), como constitutivo das subjetividades.

A organização do trabalho, segundo Dejours (1992), refere-se a prescrição e divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, relações de poder, as questões de responsabilidades, entre outros. Além disso, traz que a organização do trabalho é a responsável pela manutenção do equilíbrio do aparelho psíquico. Dessa forma, quanto mais controladora e rígida for a organização, mais poderá contribuir para o sofrimento mental.

As condições de trabalho se referem tanto ao ambiente físico, químico, biológico, quanto as condições de higiene, de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho. Além disso, ressalta que as condições de trabalho envolvem diretamente o corpo do(a) trabalhador(a), o que poderá provocar desgaste, sofrimento e adoecimentos (DEJOURS, 1992).

E, por fim, as relações sociais de trabalho abrange tanto as interações hierárquicas (chefias imediatas e superiores) quanto às interações coletivas de maneira intra e intergrupar, assim como as demais interações externas (MACÊDO E MENDES, 2004 apud LAVNCHICHA, 2015). Sendo assim, o modo como se estabelecem estas relações e a maneira como o trabalho é organizado, poderá contribuir com o pertencimento coletivo de trabalho, bem como para a elaboração da subjetividade.

O(A) trabalhador(a) inserido neste contexto, depende, portanto, da energia individual e coletiva para dar conta da realização das atividades. Nesse sentido, poderá vivenciar prazer e/ou sofrimento. Caso o sofrimento predomine, e não seja ressignificado e transformado em prazer, restará ao(a) trabalhador(a) o uso das estratégias defensivas (FREITAS, FACAS; 2011). Diante disso, as estratégias funcionam como mecanismos pelo qual o(a) trabalhador(a) irá buscar transformar a percepção da realidade que o faz sofrer (DEJOURS, ABDOUCHELLI E JAYET, 1993).

As estratégias defensivas aparecem no cotidiano do trabalho, por meio do isolamento, desconfiança, individualismo, e em alguns casos, o(a) trabalhador(a) não admite o próprio sofrimento. No entanto, a utilização destas estratégias tem uma função positiva, pois colabora com o equilíbrio psíquico e também favorece a adaptação às situações de desgaste no seu contexto laboral. Porém, também mascara o sofrimento quando interfere tanto no atendimento dos objetivos do trabalho, quando na vida social dos(as) trabalhadores(as). Entretanto, estas estratégias podem tornam-se ineficazes e então levar ao adoecimento (FREITAS, FACAS, 2011).

O sofrimento, no entanto, nem sempre acarretará em adoecimento. Este, quando ressignificado, pode servir como disparador e mobilizar para as mudanças das situações que o fazem sofrer, através do uso eficaz da mobilização subjetiva. De acordo com Dejours (1992), o processo de mobilização subjetiva não é prescrito, mas sim vivenciado de maneira particular por cada trabalhador(a). Esta permite a transformação sofrimento por meio da operação simbólica, ressignificando o trabalho. Para isso acontecer, depende do coletivo de trabalho, que é constituído por regras que não são apenas técnicas. Estas organizam as relações entre as pessoas e têm uma dimensão ética que remete a noção de justo ou injusto (MENDES; COSTA; BARROS, 2003).

Por outro lado, o sofrimento pode tornar-se patogênico quando as defesas individuais e coletivas fracassam. O que diferenciará as formas de sofrimento está na dependência das condições individuais (história de vida e estrutura do sujeito) e sociais (organização e relações interpessoais no trabalho). A PdT objetiva, portanto, desenvolver ações que possam modificar o destino do sofrimento, para que este possa tornar-se criativo (CODO; SORATTO; VASQUES-MENEZES, 2004).

Segundo Dejours (1993), com o intermédio da Psicanálise, é possível uma apreensão das angústias vividas através da escuta atenta à fala dos(as) trabalhadores(as). Mas não somente a fala individual, mas principalmente a coletiva. Isso porque, para a PdT, se o sofrimento é da ordem do singular, sua solução é coletiva. Diante disso, é importante que se crie espaço de circulação da palavra coletiva, pois é na escuta do que é evocado que se cria possibilidades do sofrimento emergir e sua solução ser pensada por todos.

### **3. PERCURSO METODOLÓGICO**

Neste capítulo será abordado a metodologia desta pesquisa, a qual foi desenvolvida através dos pressupostos teóricos e a práxis da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours. O principal método desta teoria é construído a partir de uma série de etapas que servem como norteadoras para o trabalho de campo (DEJOURS, 2008). Contudo, cabe salientar que, por mais fundamentais que sejam seguir as etapas, existe a compreensão de que cada situação de trabalho é única e que exigirá algumas adaptações, que, de todo o modo, não devem comprometer a integridade do método (HELOANI; LANCMAN, 2004).

Portanto, neste capítulo, serão apresentados as etapas que abarcaram essa pesquisa, as quais contemplam: a pré-pesquisa, que diz respeito aos contatos estabelecidos e a formação dos encontros de grupos com as trabalhadoras; a pesquisa propriamente dita, que consiste na realização da pesquisa de campo, a qual abarca a análise do material da pesquisa, as entrevistas coletivas e individuais, a caracterização das trabalhadoras participantes e a observação clínica, a interpretação do material e a validação a partir da perlaboração (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2007).

Ademais, será apresentado um aporte teórico a respeito da metodologia da PdT, apresentando aspectos pertinentes para a compreensão do desenvolvimento da referida pesquisa.

#### **3.1 A metodologia da Psicodinâmica do Trabalho**

A referente pesquisa ancora-se nos pressupostos teóricos e práticos da Psicodinâmica do Trabalho, que tem como principal objetivo compreender a relação entre prazer-sofrimento no trabalho. Assim, esta pesquisa objetivou compreender por meio do coletivo como ocorrem os processos de subjetivação das trabalhadoras safristas das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul. Neste capítulo, portanto, será apresentado a metodologia da PdT proposta por Christophe Dejours (2008), bem como as necessárias adaptações que foram necessárias devido a realidade encontrada nesse campo de trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho visa compreender aspectos psíquicos e subjetivos que são mobilizados através das relações e da organização do trabalho. Assim, a PdT possui um método específico que une a intervenção à pesquisa, sendo assim, baseado nos princípios da pesquisa-

ação. No entanto, tendo em vista suas características é intitulada como Clínica do Trabalho. De acordo com Dejours (2008) a Psicodinâmica enquanto clínica, se desloca sobre um trabalho de campo que é totalmente diferente de um lugar da cura, ou seja, implica que, a fonte de inspiração é o próprio trabalho de campo, se deslocando e retornando de modo constante a ele.

A pesquisa-ação faz parte da metodologia da PdT, pois leva em consideração a não neutralidade do pesquisador. Ou seja, tem em vista as trocas realizadas entre o(a) pesquisador(a) e o(a) trabalhador(a). De acordo com Thiollent (1986) a pesquisa-ação pode ser considerada

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 14).

No que diz respeito ao problema de pesquisa, foi realizada uma pesquisa qualitativa para que pudesse ser possível um entendimento acerca dos elementos dinâmicos e relacionais que envolve a relação entre trabalho e trabalhador(a). Além disso, a pesquisa qualitativa possibilita um entendimento do conhecimento da vida humana, além de aspectos como a linguagem e as relações sociais. Sendo assim, define-se por adentrar o mundo dos sentidos e significados das ações humanas, que não são possíveis de mensurar em número ou equações (MOURA; LIMA, 2014).

Para melhor compreensão acerca do tema a ser estudado e investigado, foi realizada, inicialmente, uma revisão bibliográfica com base em livros, periódicos documentos e publicações científicas. O levantamento bibliográfico preliminar pode dar suporte e sustentação à pesquisa, visto que elucidou questões relacionadas aos estudos que já vem sendo abordados na área, bem como aprofundar o conhecimento sobre todos os elementos do problema de pesquisa (SANTOS, 2010). Nesse sentido, foram utilizados diversos autores da Psicologia e da Sociologia do Trabalho, na busca de compreender as transformações no mundo produtivo e as questões de gênero que perpassam nas relações de trabalho.

De acordo como foi mencionado na introdução, a proposta inicial desta pesquisa era a realização de encontros de grupos com as trabalhadoras safrististas. Contudo, tendo em vista a dinâmica deste trabalho sazonal, não foi possível realizar apenas os encontros de grupo, tendo em vista o pequeno número de participantes. Dessa forma, algumas alterações foram necessárias do decorrer do andamento da pesquisa, em que foi necessário realizar algumas adaptações na metodologia, as quais serão descritas a seguir.

A modificação que foi mencionada, diz respeito a necessidade da inclusão de entrevistas individuais semiestruturadas com as trabalhadoras safristas. Essa mudança ocorreu devido à baixa adesão das participantes na participação dos grupos, em que puderam ser observados alguns motivos que levaram a não aceitação da participação no coletivo, bem como outras questões referentes ao tempo e a locomoção. Esse processo de mudança na metodologia será melhor discutido na etapa da pré-pesquisa, que diz respeito ao levantamento do conhecimento do campo, bem como os contatos realizados para o desenvolvimento da pesquisa.

A seguir, será apresentado as etapas que envolvem a pesquisa que na pré-pesquisa (pesquisa documental e institucional), pesquisa propriamente dita (formação do grupo de trabalhadoras e entrevistas), o tratamento do material produzido e a validação do que foi analisado (DEJOURS, 2008). Será abordado, portanto, as etapas que dizem respeito a metodologia proposta por Dejours, em consonância com a adaptação necessária utilizada nesta pesquisa.

### **3.2 A Pré-pesquisa**

A pré-pesquisa tem como objetivo conhecer o campo que será a investigado, afim de reunir informações pertinentes sobre o processo de trabalho, bem como a estrutura da organização. Este momento consiste no planejamento da pesquisa (LAVNCHICHA, 2015). Estas informações podem ser recolhidas através de um levantamento bibliográfico, bem como na observação do espaço a ser investigado e encontros ou reuniões com as pessoas envolvidas nesse processo (DEJOURS, 2008).

Dejours (2008) define alguns objetivos importantes que devem estar na etapa, tais como reunir documentos que possuam informações sobre o contexto e processo de trabalho da organização a ser pesquisa; realizar visitas e ter contato com trabalhadores(as) de diversas áreas da organização; e por último, compreender a organização real do trabalho, a fim de desvendar conflitos entre os(as) trabalhadores(as) e a hierarquia imposta.

A pré-pesquisa foi desenvolvida inicialmente, através de uma reunião no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) a fim verificar viabilidade desta pesquisa. Estavam presentes alguns profissionais envolvidos na área da saúde do(a) trabalhador(a), além da presença do diretor do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação (STIFA), o qual se disponibilizou a intermediar o contato com as trabalhadoras safristas.

Posteriormente, foram realizadas algumas visitas no Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação (STIFA). Nestes encontros pode ser explanado acerca atual situação das indústrias do fumo de Santa Cruz de Sul. O presidente, explicou que o desempenho de contratações estava acontecendo de maneira demorada, devido à realidade que as indústrias fumageiras estão passando.

De acordo com uma matéria do Jornal Gazeta do Sul em março de 2017<sup>1</sup>, apenas 5% da safra havia sido entregue, o que empurra para ainda mais tarde o período mais intenso de contratação de trabalhadores(as) temporários nas empresas. Ainda conforme a reportagem, com a valorização do real frente ao dólar desde o início do ano, as indústrias estão comprando o mínimo necessário, na expectativa de uma reversão no câmbio. Além disso, a insatisfação com os preços pagos, muitos produtores estão preferindo adiar as entregas. Contudo, a expectativa de volume de contratações deve ser maior neste ano, bem como os contratos mantidos por mais tempo, em relação à safra do ano passado.

Diante deste panorama, o presidente relatou que contatou com algumas trabalhadoras safristas, porém estas ficaram receosas em participar da pesquisa, devido a insegurança frente as contratações da safra. As trabalhadoras temem que ao falarem alguma coisa, poderão ser prejudicadas em suas futuras contratações, mesmo quando se enfatiza a não relação da pesquisa com as empresas fumageiras. No entanto, o presidente mobilizou a equipe do sindicato para contribuir no auxílio à pesquisa. Com isso, solicitou que a enfermeira do sindicato, conversasse a respeito da pesquisa com as trabalhadoras que viessem nas consultas agendadas no local. Sendo assim, ficou combinado que ela passaria os contatos das trabalhadoras que aceitassem participar da pesquisa. O presidente, muito solícito, disponibilizou uma sala do sindicato para a realizações dos grupos com as trabalhadoras.

O levantamento destas informações foi importante para o entendimento acerca do momento atual deste trabalho, bem como a compreensão de possíveis resistências. Além disso foi possível compreender como ocorre o processo de trabalho que foi amplamente abordado pelas trabalhadoras durante a pesquisa.

---

<sup>1</sup> GARCIA, Pedro. Indústria e comércio puxam as contratações. Jornal Gazeta do Sul, Santa Cruz do Sul, 7 de março de 2017. Caderno Geral, p. 5.

### 3.3 A pesquisa propriamente dita

A pesquisa propriamente dita diz respeito ao levantamento de informações junto ao campo a ser investigado. De acordo com Baierle (2007), neste momento busca-se o “comentário verbal”, o discurso, as falas dos(as) trabalhadores(as) sobre o seu trabalho, através de encontros de grupos de trabalhos para a oferta de discussões coletivas. Além disso, o propósito do grupo é proporcionar reflexões e ações transformadoras. Assim, é fundamental que se crie um espaço coletivo que valorize os comentários verbalizados pelos(as) trabalhadores(as) (LAVNCHICHA, 2015).

Nessa etapa da pesquisa foram realizados os encontros de grupos e as entrevistas individuais com as trabalhadoras safristãs. A proposta de escuta da PdT é através do coletivo e desenvolvida por meio de um processo de reflexão, em conjunto com os(as) trabalhadores(as). A escuta em grupos é compreendida como uma ampliação do espaço público de discussão, possibilitando a transformação de compreensões individuais em reflexões coletivas (DEJOURS, 1995 apud HELOANI; LANCMAN, 2004).

De acordo com Dejours (2008) nessa etapa é importante que a pesquisa seja desenvolvida em um lugar que tenha identificação com o trabalho, como na sala de reuniões, refeitório, sindicato, espaço de associação cultural, dentre outros contextos que o(a) trabalhador(a) tenha uma proximidade. No caso desta pesquisa, a mesma foi realizada na sala de reuniões do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação, em que a maioria dos trabalhadores são associados. Contudo, tendo em vista as adaptações que foram necessárias no decorrer da pesquisa, as entrevistas individuais tiveram que ser feitas nas residências das trabalhadoras, devido ao horário disponível das mesmas não ser compatível com o horário de funcionamento do Sindicato.

Importante salientar que durante todo o processo foi respeitado o desejo de escolha das trabalhadoras dos locais a serem realizados os encontros. Todos os encontros de grupo e entrevistas individuais foram gravados e, posteriormente, as falas foram integralmente transcritas para análises com o objetivo de preservar os comentários emitidos de maneira fidedigna. A fim de preservar a identidade das participantes foram utilizadas apenas a letra P de participante seguida de número, para a diferenciação entre elas, garantindo assim, a confiabilidade e a ética na pesquisa. Contudo, esta medida foi tomada apenas na tabela que caracteriza o perfil das participantes.

Todas trabalhadoras que aceitaram participar da pesquisa, foi apresentado e solicitado a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), o qual contém os

objetivos da pesquisa e o uso que será feito das informações coletadas, além de todas as informações necessárias em relação à ética na pesquisa, visando assegurar os direitos e deveres das participantes.

Na Psicodinâmica do Trabalho o que interessa são os comentários verbais emitidos pelos(as) trabalhadores(as). Dessa forma, não há uma preocupação sobre a veracidade dos fatos, mas sim a forma como o fato é verbalizado. Ademais, no desenvolvimento da pesquisa o que deve ser especialmente observado são os comentários formulados pelo coletivo, levando em consideração temas consensuais entre os(as) trabalhadores(as), como também, de objetos contraditórios que servem de discussão no grupo (DEJOURS, 1992).

A pesquisa propriamente dita é dividida em três partes, que consistem em: Análise da Demanda, Análise do Material da Pesquisa e Observação Clínica, as quais serão abordadas a seguir.

### **3.3.1 Análise da Demanda**

A pesquisa em Psicodinâmica do trabalho, segundo Dejours (2008), parte de uma demanda expressa pelos(as) trabalhadores(as). Contudo, nem sempre a demanda que gera intervenção proposta pela organização de trabalho é a mesma demanda expressa pelos(as) trabalhadores(as). Dessa forma, busca-se compreender qual a real demanda do grupo que participa do estudo, tendo como base alguns princípios norteadores: entender quem formula a demanda, o que e a quem a demanda é dirigida (LANCMAN; UCHIDA, 2003). Nessa perspectiva, é fundamental a escuta desse sofrimento para posterior elaboração e apropriação do trabalho por parte do(a) trabalhador(a) (DEJOURS, 1992).

No entanto, mesmo sendo uma das premissas da pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho haver uma demanda por parte dos(as) trabalhadores(as), essa questão não condiz com contexto brasileiro, visto que aqui, é necessário criar espaços de escuta e diálogo a respeito do trabalho. A demanda neste contexto deve ser levantada por um olhar técnico, que de alguma forma conhece a realidade destes(as) trabalhadores(as) e percebe a necessidade de intervenção neste campo de trabalho (BAIRELE; MERLO, 2008). Assim, mesmo que a demanda ocorra de maneira implícita, esta também é uma demanda expressa pelos(as) trabalhadores(as), mesmo que indiretamente, tendo em vista a confirmação durante o desenvolvimento da pesquisa.

Dejours (2008) afirma que conhecer a organização do trabalho é imprescindível para a análise da demanda. Inicialmente, foi constatado, o grande número de mulheres que se encontram neste trabalho sazonal. Para corroborar com essa informação, foi realizado um levantamento acerca da atual realidade do ramo fumageiro em conjunto com o Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação. Dessa forma, pode-se ter um primeiro entendimento acerca deste trabalho, contribuindo para a formação da organização dos grupos.

### **3.3.2 Análise do Material da Pesquisa**

A análise da demanda, de acordo com Dejours (1992) é a extração é daquilo que é colocado como discurso no coletivo, de maneira viva, original e subjetiva do grupo de trabalhadores(as). Assim, o material da pesquisa é aquilo que foi apreendido durante os encontros de grupos, através “[...] das palavras e do contexto no qual elas são ditas, das hipóteses sobre os porquês, de como estabelecem as relações com o trabalho, enfim, da formulação que os trabalhadores fazem da sua própria situação de trabalho” (HELOANI; LANCMAN, 2004, p. 83).

Para este estudo, o material da pesquisa constituiu, principalmente, os comentários verbais proferidos pelas trabalhadoras durante os encontros de grupos e as entrevistas. Contudo, também faz parte os dados precedentes a realização destes encontros, como o contexto da realidade atual do setor fumageiro, bem como a observação e a análise da resistência de algumas trabalhadoras em participar da referida pesquisa. Todas essas questões foram descritas em um diário de campo, que contribui para a análise e reflexão.

Durante a realização da pesquisa, buscou-se extrair da fala das trabalhadoras os aspectos em comuns e relevantes da realidade do trabalho de safra. Ademais, pretende-se realizar uma correlação entre o que foi dito pelas trabalhadoras participantes, com o que foi observado durante o processo da pré-pesquisa. De todo modo, foi priorizado extrair as vivências subjetivas, pois para a PdT o objetivo não é desvendar os fatos do trabalho. Assim, o comentário pode ser considerado a matéria-prima da subjetividade dos(as) trabalhadores(as) (DEJOURS, 1992).

A análise das transcrições das gravações, realizadas durante os encontros de grupo e as entrevistas, também foram realizadas a partir da teoria desenvolvida nessa pesquisa. Além

disso, as vivências que compreendem o antes e o depois da realização da mesma, também foram orientadas pela metodologia em PdT.

### **3.3.3 Encontros de grupo**

De acordo com as possibilidades encontradas no campo, foram realizados três encontros de grupo com quatro trabalhadoras safristais. Importante salientar que nem todos os encontros foram realizados com as mesmas participantes. Os mesmos aconteceram na sala de reuniões do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação.

Durante os encontros, as trabalhadoras participantes foram convidadas a conversar, a relatar e trocar experiências relacionadas a sua trajetória profissional. Foi utilizado um roteiro de perguntas semiestruturas (Apêndice B) para que auxiliasse no andamento da conversa que, além de se referirem as informações iniciais para caracterização do perfil, buscou informações acerca da realidade do trabalho de safra de acordo com as participantes. Contudo, as falas não se restringiram apenas nestas perguntas, pois conforme as participantes verbalizavam suas experiências, haviam trocas e identificações com o que era dito.

De acordo com Dejours (1992) o propósito dos grupos é de criar um espaço reflexivo e transformador, através de discussões que favoreçam a verbalização dos(as) trabalhadores(as). É importante que o pesquisador fique atento os comentários verbais, aos que são objetos de consenso ou contradição dos(as) trabalhadores(as), bem como se o que emerge espontaneamente ou não, ao que é dito ou omitido em alguns temas e características da organização (LANCMAN E HELOANI, 2004).

Além disso, ao falar e ser ouvido sobre sua experiência de trabalho e ouvir também questões que podem se assemelhar as suas pode ser considerada uma vivência ímpar para o(a) trabalhador(a). De acordo com Lacman e Uchida (2003) a vivência grupal possibilita um reforço fundamental para as identidades dos sujeitos e cria novas possibilidades em relação ao trabalho.

### 3.3.4 Entrevistas

Como complemento a metodologia proposta inicialmente, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com as trabalhadoras as safristas. As mesmas foram agendadas previamente, de acordo com as possibilidades das participantes, sendo realizadas em suas residências.

A entrevista representa um dos principais métodos de levantamento de informações dentro da perspectiva de pesquisas qualitativas. Conforme define Minayo (2014) a entrevista “[...] é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador [...] destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo” (p. 261).

Ribeiro (2008) complementa que a entrevista é um método importante quando se tem a necessidade de obter informações que não são encontradas em registros e fontes documentais, podendo estas somente serem fornecidos por determinado grupo de pessoas. Assim, é uma técnica de levantamento de informações, que é considerada como uma forma racional de conduta do pesquisador, que visa atingir um conteúdo sistemático de conhecimentos, de forma mais completa possível, com o objetivo de conhecer a realidade a ser investigada (ROSA; ARNALDI, 2006).

A entrevista semiestruturada se caracteriza como um conjunto de perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem que tenha a necessidade de respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador. De acordo com Martins (2013), consiste em um roteiro de conversa que serve como guia para que o pesquisador e o entrevistado possam dialogar, podendo haver a possibilidade de acrescentar novas questões para que se possa compreender melhor determinado assunto.

As perguntas que compuseram as entrevistas com as participantes, foram as mesmas dos encontros de grupo, pois, de todo modo, abarcavam o levantamento de informações necessários para o objetivo desta pesquisa. Conforme já mencionado, o roteiro de perguntas utilizado encontra-se no Apêndice A.

### 3.3.5 Caracterização das Participantes

Nesta parte será abordada a descrição das participantes desta pesquisa, sendo que estas totalizaram 8 trabalhadoras safristas das empresas fumageiras de Santa Cruz do Sul. A escolha das participantes desta pesquisa ocorreu após a constatação de que o setor fumageiro é um dos segmentos em que há precarização nas relações e nas condições de trabalho, evidenciada na instabilidade dos contratos temporários dos trabalhadores safristas, bem como nas condições degradantes na organização, no ambiente e no processo de trabalho.

A amostra foi criada a partir da disponibilização dos contatos das trabalhadoras pelo Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação. Os critérios utilizados para selecionar as participantes foi de que as mesmas tenham trabalhado, no mínimo, duas safras consecutivas. A escolha por este número mínimo de safra trabalhadas ocorre devido ao desejo de compreender, juntamente com as trabalhadoras safristas, a vivência deste trabalho, no qual é marcado por previsibilidade em sua interrupção e repetição. A escolha pelo segmento feminino é justificada devido ao maior número de trabalhadoras mulheres nas indústrias fumageiras nas atividades de safra.

O contato realizado com as trabalhadoras ocorreu via telefone. Ao todo, foram contatadas 10 trabalhadoras. No entanto, por dois diferentes motivos – receio em participar da pesquisa, bem como disponibilidade de data e horário – apenas 8 trabalhadoras aceitaram participar da pesquisa.

As trabalhadoras participantes da pesquisa possuem idade entre 37 a 79 anos, caracterizando uma média de 52,12 anos. As escolaridades das participantes variaram entre 3 que possuem ensino fundamental incompleto, 3 ensino fundamental completo e 2 ensino médio completo. Todas as participantes são casadas, exceto uma, que é viúva. Todas as participantes possuem filhos, variando entre 2 a 6 filhos.

O tempo de trabalho de safra variou entre 4 a 40 anos, obtendo uma média de 17,25 anos. Em relação as empresas, houve 4 diferentes fumageiras em que as participantes trabalham atualmente. Apenas duas participantes não estavam trabalhando na safra do fumo no momento da realização da pesquisa.

Das oito trabalhadoras que participaram da pesquisa, apenas uma exerce outro tipo de trabalho durante a safra e a entressafra – atuando como diarista – sendo que as demais trabalham apenas durante o período da safra. A participação na pesquisa aconteceu de forma voluntária, as quais as participantes que foram informadas, previamente, a respeito do tema e objetivos da pesquisa. As informações referentes as trabalhadoras estão melhores detalhadas no Tabela 1,

em que é apresentado o perfil das participantes com os dados necessários para a caracterização das mesmas.

Ident.	Idade	Escolaridade	Tempo de Safra	Estado civil	Filhos	Função
P 1	37	Médio	18	Casada	2	Destala
P 2	79	Fundamental Inc.	40	Casada	6	Destala
P 3	51	Fundamental	15	Casada	2	Piker
P 4	33	Médio	5	Casada	2	Destala
P 5	57	Fundamental Inc.	15	Viúva	4	Ponteira
P 6	63	Fundamental Inc.	9	Casada	3	Destala
P 7	53	Fundamental	18	Casada	4	Piker
P 8	44	Fundamental	18	Separada	2	Destala

Tabela 1 – Caracterização das participantes da pesquisa

### 3.3.6 Observação Clínica

A observação clínica faz parte de uma das subdivisões da “Pesquisa Propriamente Dita”, sendo uma importante etapa para a elaboração da análise e discussão no campo da Psicopatologia. De acordo com Dejours (1992) na observação clínica não se observa apenas a descrição dos fatos, mas como estes são descritos, sendo estes intesubjetivos, em que é necessário o(a) pesquisador(a) colocar, por escrito, o movimento apresentado no grupo, que vai além da fala dos(as) trabalhadores(as).

Nesta etapa, portanto, os pesquisadores buscam registrar o movimento que acontece dentro do grupo de trabalhadores(as). Neste momento, não se resgata apenas os comentários ditos em cada encontro, mas também de articulá-los e ilustrá-los, com o objetivo de facilitar a compreensão das informações. É importante que os relatos sejam registrados logo após o término dos encontros, a partir da memória do pesquisador, das anotações realizadas durante o grupo e a transcrição das gravações (LAVNCHICA, 2015).

Sendo assim, a pesquisadora fez uso do recurso do diário de campo, que consistiu no registro das impressões e dos fatos intersubjetivos após os encontros de grupos e entrevistas. De acordo com ARAÚJO et al. (2013) o diário pode ser utilizado como um modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos participantes, contribuindo no entendimento das questões apresentadas. É também utilizado para demonstrar os procedimentos da análise do material empírico, das reflexões por parte dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa, visto que contribui para o delineamento da mesma.

A observação clínica é, portanto, uma importante ferramenta para fazer com que ideias, comentários e interpretações apareçam, bem como evidenciar aquilo que não apareceu claramente nos relatos. Assim, seu principal objetivo é revelar o encadeamento, as idas e vindas, bem como as interações entre o pesquisador e os protagonistas do estudo, que são os participantes (DEJOURS, 1992).

### **3.4 Interpretação**

Os sentimentos de prazer e sofrimento são impossíveis de objetivar e mensurar, visto que estes são subjetivos. Sendo assim, o que se deve observar em Pesquisas da PdT é a relação entre o discurso do(a) trabalhador(a) e a experiência do(a) pesquisador(a) (DEJOURS, 1992).

Nesta etapa, os pesquisadores buscarão formular e identificar os elementos subjetivos durante os encontros, buscando um sentido para eles (LAVNCHICHA, 2015). A interpretação consiste no ato de investigar os diversos significados dos comentários, dos gestos, da postura, da entonação na voz. A interpretação deve ser feita durante os encontros e, principalmente, após o término dos mesmos, através de discussões no coletivo e supervisões (GHIZONI, 2015).

Alguns conceitos teóricos, como sofrimento e prazer no trabalho, mecanismos de reconhecimento e cooperação e estratégias defensivas, podem auxiliar a dar sentido e explicação ao material que foi produzido durante os encontros (MERLO; MENDES; ARAÚJO, 2011). Assim, o principal objetivo é dar forma ao que é trazido pelos(as) trabalhadores(as), possibilitando uma compreensão acerca da vivência de trabalho para o pesquisador(a) (LAVNCHICHA, 2015).

### 3.5 Validação e refutação

Para Dejours (1992) a validação e refutação é um momento fundamental da pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho. A mesma normalmente ocorre em duas etapas, as quais serão descritas a seguir.

A primeira etapa consiste na validação da interpretação dos comentários e das falas no próprio contexto da pesquisa, ou seja, os mesmos são adiantados durante a discussão, podendo estes serem rejeitados ou reelaborados (DEJOURS, 1992). Sendo assim, ao longo dos encontros busca-se, através das elaborações, hipóteses, temas e comentários registrados durante os encontros construir um relatório que é discutido posteriormente com os(as) trabalhadores(as). Assim, somente após esta fase é que se elabora o relatório final para ser apresentado a instituição e aos(as) trabalhadores(as) (LAVNCHICHA, 2015).

Já a segunda etapa propõe uma reunião com os participantes da pesquisa após o tratamento dos dados. Dessa forma, leva-se em consideração a importância da criação de espaço de participação e apropriação por parte dos(as) trabalhadores(as) na produção do conhecimento, tendo em vista que estes são os protagonistas deste trabalho. Assim, os(as) participantes têm a oportunidade de concordar ou discordar da análise, sugerindo alterações para o trabalho final (BAIERLE, 2007). Pode-se, ainda, incluir também novos (novas) participantes ao grupo inicial, realizando assim novas discussões que venham contribuir para possíveis alterações e correções no trabalho final (MENDES; ARAÚJO; MELO, 2011).

Nesta pesquisa, a validação ocorreu durante encontros de grupo e entrevistas individuais, através dos comentários emitidos pelas participantes, em que deram um retorno de como estavam se sentindo ao falar sobre suas vivências trabalho. Assim, a validação nesta pesquisa aconteceu por intermédio do que as próprias participantes atribuem ao seu trabalho, em que puderem pensar e se repensar dentro deste contexto e do quanto o mesmo pode ser fonte de prazer, como também de sofrimento durante um momento reflexivo da pesquisa propriamente dita (PEREZ, 2012).

## 4. DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo parte serão apresentados os resultados da pesquisa propriamente dita, segundo a Psicodinâmica do Trabalho. Dessa forma, será realizada a descrição, a análise e discussão dos resultados, que foram desenvolvidos de acordo com o material encontrado no campo, buscando relacionar com a contextualização teórica desta pesquisa.

### 4.1 Descrição dos resultados

Nesta parte será desenvolvida a descrição dos resultados encontrado no campo, correlacionado com a teoria produzida acerca da temática que envolve os objetivos desta pesquisa que é a compreensão dos processos de produção de subjetividade das trabalhadoras safristas. Para melhor compreensão do material da análise, que abrange os encontros de grupos e as entrevistas individuais com as participantes, foi realizada algumas etapas de elaboração, as quais serão descritas abaixo (BOTTEGA, 2009).

- **Organização do Material:** esta etapa consiste na transcrição das gravações dos encontros de grupo e entrevistas individuais, bem como a leitura na íntegra das falas das participantes e revisão das anotações do diário de campo. Neste momento, são levantados os principais pontos verbalizados pelas trabalhadoras safristas.
- **Classificação do Material:** esta fase diz respeito a retomada dos objetivos da pesquisa e fundamentação teórica em consonância com o material encontrado no campo. O objetivo desta etapa é definir quais as temáticas evidenciadas para organizar e decidir os eixos-temáticos que envolverão a pesquisa, sendo definidos através dos comentários verbais das participantes.
- **Descrição do Material:** nesta etapa é realizada a apresentação de fragmentos das falas das participantes de maneira literal. Estas falas não estão na ordem cronológica em que foram verbalizadas, mas sim de acordo com as temáticas que foram estabelecidas.
- **Análise e Discussão do Material:** momento em que é realizada a articulação entre os comentários verbais das participantes com a contextualização teórica apresentada, contendo também as observações da pesquisadora

O material das transcrições dos encontros de grupo e entrevistas gerou um documento de 101 páginas. Este material foi organizado juntamente com as elaborações do diário de campo, através de observações e reflexões realizadas. Além disso, foram consideradas as contribuições realizadas durante as orientações coletivas com demais pesquisadoras.

Para melhor compressão dos resultados encontrados no campo - principalmente do que foi encontrado nos encontros de grupos e entrevistas individuais - os comentários verbais emitidos pelas participantes foram divididos em eixos-temáticos, sendo eles: Organização do Trabalho de Safra, Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional e Trabalho, Trabalho, Subjetividade e Gênero. Na tabela 2, encontram-se a interlocução entre os objetivos da pesquisa com os eixos e sub-eixos temáticos.

<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Eixos-temáticos</b>
Compreender os processos de produção de subjetividade das trabalhadoras safristas das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul.	- Analisar os impactos das transformações contemporâneas no mundo do trabalho para as trabalhadoras safristas;	<b>Organização do Trabalho de Safra</b> - Trabalho e sua relação com o tempo - Mudanças nas contratações - Produção de incerteza perante o campo de trabalho
	- Conhecer como as trabalhadoras safristas construíram a sua trajetória profissional;	<b>Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional</b> - Trabalho como empoderamento financeiro - Trabalho como escape da rotina doméstica - Trabalho na safra como possibilidade de ascensão profissional
	- Problematizar os discursos de gênero e subjetividade que atravessam o trabalho de safristas.	<b>Trabalho, Subjetividade e Gênero</b> - Prazer e sofrimento no Trabalho de Safra - Safra do fumo: um trabalho feminino? - Produção de subjetividade a partir do trabalho de safra

Tabela 2 - Objetivos da pesquisa, eixos e sub-eixos temáticos.

No primeiro eixo temático “Organização do Trabalho de Safra”, será desenvolvido o modo como se constitui este campo de trabalho e suas relações com as trabalhadoras safristas. Neste mesmo eixo encontram-se três sub-eixos: Trabalho e sua relação com o tempo; Mudanças nas contratações e Produção de incerteza perante o campo de trabalho.

Já no segundo eixo temático denominado de “Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional” são apresentadas as questões da constituição deste trabalho em suas vidas. Foram desenvolvidos dois sub-eixos para melhor explicar a relação deste trabalho com as participantes: Trabalho como empoderamento financeiro, Trabalho como escape da rotina doméstica e Trabalho na safra como possibilidade de ascensão profissional.

Por fim, o terceiro eixo “Trabalho, Subjetividade e Gênero”, aborda aspectos referentes a relação que as trabalhadoras possuem com este trabalho, além das relações de gênero que perpassam o mesmo. Assim, este eixo foi dividido em três sub-eixos, sendo eles: Prazer e sofrimento no Trabalho de safra; Safra do fumo: um trabalho feminino? e Produção de subjetividade a partir do trabalho de safra.

## **4.2 Análise e discussão dos Resultados**

Serão abordadas nesta parte os eixos e sub-eixos das temáticas, que estão organizados de acordo com os objetivos e resultados da pesquisa, desenvolvendo, assim, a análise e discussão dos resultados.

Conforme já mencionado, os temas apresentados durante a pesquisa de campo foram divididos em eixos temáticos para a melhor compreensão dos mesmos, sendo eles: Organização do Trabalho de Safra; Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional e Trabalho, Subjetividade e Gênero. Os eixos foram divididos em sub-eixos de acordo com os fragmentos dos comentários verbais das participantes.

Tendo em vista que para a Psicodinâmica do Trabalho o que interessa é o que é dito no coletivo (MERLO; MENDES, 2009), não serão identificadas as participantes em relação as suas falas. Esta medida também foi pensada afim de preservar a identidade das participantes, conforme as normas de sigilo e ética mencionados no Comitê de Ética que a pesquisa foi aprovada. Outra medida que foi tomada, é a substituição dos nomes das empresas que as participantes se referiram durante os encontros de grupo ou entrevistas, pela palavra “empresa 1” ou “empresa 2” e assim, sucessivamente. Além disso, em alguns fragmentos das falas das

participantes foram suprimidos (sendo utilizado o símbolo [...]) com intuito de manter o foco e objetivo da pesquisa.

#### **4.2.1 Organização do Trabalho de Safra**

O eixo temático denominado “Organização do Trabalho de Safra” visa trazer questões referentes as formas de como este trabalho sazonal é organizado e executado. Compreende-se como Organização do Trabalho a prescrição e divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, relações de poder, as questões de responsabilidades, entre outros. Além disso, é a responsável pelas consequências penosas ou favoráveis para o funcionamento psíquico do(a) trabalhador(a). Com isso, podem ocorrer vivências de prazer e/ou de sofrimento no trabalho (DEJOURS, 1992).

Através das intensas modificações ocasionadas a partir da reestruturação produtiva na década de 1990, houve uma redução nos postos de trabalho, bem como em relação a temporalidade do trabalho (ALVES, 2009). Dessa forma, abriu-se espaço para novas formas de contratação, sendo uma delas, o trabalho temporário.

O trabalho temporário é prestado por uma pessoa física contratada por uma empresa, para atender à necessidade de substituição transitória de pessoal permanente ou para atender a demanda complementar de serviços. Importante pontuar que neste trabalho, versa sobre desenvolvimento de atividades-meio e atividades-fim a serem executadas na empresa. Cabe a empresa a responsabilidade de garantir condições de responsabilidade da para garantir as condições de segurança, higiene e salubridade dos(as) trabalhadores(as) (BRASIL, 2017).

O trabalho na safra nas empresas fumageiras configura-se como um trabalho temporário, que em um período do ano exige uma mão de obra maior para determinado seguimento da organização, de acordo com a demanda, sendo um típico modelo *Just in time* (GUIRALDELLI, 2014). De acordo com Castel (2003) o trabalho de safra se configura com diferentes modos de organização do trabalho que se unem visando de aumentar a produtividade, o controle do tempo, a fragmentação das atividades e a utilização de dispositivos disciplinares.

Em relação as formas de contratação, neste ano foi aprovado o Projeto de Lei 13.429/2017 pelo Senado que muda as regras de tempo máximo de contrato no trabalho temporário, que passa de três meses para 180 dias, consecutivos ou não. Além deste prazo inicial, pode ser feito uma prorrogação por mais 90 dias, consecutivos o não, se permanecerem nas mesmas

condições. As alterações foram feitas na Lei 6.019/74 que dispõe sobre o trabalho temporário nas empresas urbanas para a lei nº 13.429/2017, sendo acrescentado informações sobre as relações de trabalho na empresa de prestação de serviços a terceiros em sua constituição (BRASIL, 2017).

Conforme já mencionado, o período do trabalho na safra do fumo varia de acordo com a necessidade da demanda da empresa, que geralmente acontece entre os meses de janeiro a agosto. Segundo as falas das participantes a carga horária de trabalho se constitui em 44 horas semanais, que se dividem em 8 horas diárias, tendo assim, uma folga na semana. Os turnos de trabalhos são divididos em: primeiro (manhã), segundo (tarde) e terceiro turno (noite).

Tendo em vista esta organização do trabalho sazonal, bem como a possibilidade do terceiro turno (noite), o trabalho de safra se torna uma possibilidade profissional para muitas mulheres que não possuem alternativas profissionais por serem as únicas responsáveis pelo cuidado dos filhos. Assim, com a flexibilidade proporcionada por esse trabalho, conseguem conciliar e se organizar com os horários dos demais membros da família para que as crianças não fiquem sem cuidados. Esta questão será melhor abordada no sub-eixo “Trabalho de Safra como Possibilidade de Trabalho”.

#### **4.2.1.1 Trabalho e sua relação com o tempo**

A lógica deste trabalho sazonal perpassa a questão do tempo. Em média o tempo de trabalho da safra no fumo dura de cinco a seis meses para os trabalhadores(as) que encontram-se na área de produção da empresa. Dessa forma, pode-se perceber que, trabalho e tempo, entrelaçam o novo cenário contemporâneo através das mudanças da reestruturação produtiva. As novas tecnologias vão incidir sobre o tempo de trabalho e com isso, afetar a subjetividade e modos de vida dos(as) trabalhadores(as) (GRISCI, 1999). Essa vivência, para algumas participantes da pesquisa, é experimentada de forma transitória, conforme apontado nos seguintes comentários verbais.

Na minha opinião, eu acho que a safra deveria ser mais tempo, né. Que nem eu falei, seria bem melhor. Seria bem melhor não só esses meses e deu, né.

[...] é daí tu tem que se adaptar. Porque como eu disse, quando tu começa a começar a se organizar e a gostar do dinheiro, vai lá e encerra, sabe. Aí tu tem que te organizar. Depende, antes dava 8 meses de safra, então tu ficava pouco tempo em casa até, né.

É a mesma coisa, né. A gente faz a safra e depois fica 6 meses em casa.

Aí termina a safra, a gente fica triste. Porque terminou. Então a gente vai para casa. Aí eu assim, por mim, assim, porque eu não tenho trabalho depois dessa, eu tenho que esperar até o próximo ano. Aí o meu marido, ainda bem que eu tenho ele, porque ele que me sustenta, que dá as coisas que eu preciso. Então ele só trabalho sozinho, durante esse período até [...] E até ele nem quer que eu vá para outro lugar.

Há, portanto, um desejo de continuidade neste trabalho, visto que quando há uma adaptação na rotina e uma organização da questão financeira, ocorre uma ruptura neste trabalho e neste modo de viver. O sentimento de tristeza e impotência perpassa os comentários verbais das participantes, tendo em vista que não terão outro trabalho depois de saírem da safra e se tornarão dependentes novamente do dinheiro dos maridos. A necessidade de reorganização está presente neste fluxo do tempo, na medida em que retornarão para a um período que ficarão sem receber salário e estarão vivenciando predominantemente a rotina da casa, para após voltarem a se reorganizar para a próxima safra que acontecerá no ano seguinte.

As mudanças no mundo laboral ocasionadas através da flexibilização, implicou na adaptação a nova lógica do mercado através de novas tecnologias, novos paradigmas e novos hábitos. A fragmentação e as novas configurações de tempo e espaço, que são desencadeadas pelos novos contextos societários contemporâneos, se concretizam nos processos identitários dos(as) trabalhadores(as) visto que estes vivenciam momentos de transição e/ou interrupção (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007). Estas mudanças são marcadas pela questão do trabalho e do tempo, implicando em novos modos de viver e se subjetivar. Assim, na medida que a realidade se transforma, os sujeitos também são transformados (GRISCI, 1999).

Do mesmo modo que as vivências trazem transformações e possíveis prejuízos psíquicos, algumas participantes consideram o fato de trabalhar por alguns meses como algo positivo, em que o período de ficar apenas em casa causa-lhes um sentimento de satisfação e descanso. Além disso, a questão da saúde também é fator que influencia neste sentimento, visto que para algumas mulheres, principalmente as mais idosas, relatam não possuir mais condições de estar ativas durante todo o ano neste trabalho.

Eu acho bom. Tu fica 6 meses em casa, daí depois tu sai aqueles 6 meses, vê gente diferente, conversa.

É que eu assim, quando era mais nova, eu até preferia trabalhar assim como efetivo. Mas agora com a idade que eu tô eu não pretendia mais, para mim tá bom. E eu não tenho uma saúde lá 100%, eu acho que eu nem aguento mais o serviço sempre, só tirando um mês de férias. E então, agora nesse tempo é uma vantagem.

O tempo que eles dão 5, 6 meses [...] Claro, aperta, né, em casa um pouco. Mas para minha saúde, porque eu quase não tenho condições muito mais.

Mas a questão da vantagem é a questão saúde. Porque aí tu tem o tempo [...].

Evidenciou-se, portanto, que a vivência de trabalhar poucos meses é marcada pelo desejo de continuar neste trabalho, tendo em vista a organização da rotina e a garantia financeira. Mas, por outro lado, o trabalho de safra se apresenta como uma possibilidade de trabalho que, de certa forma, viabiliza as trabalhadoras que não possuem condições físicas e/ou psicológicas para se manterem o ano inteiro em uma rotina penosa e desgastante.

#### 4.2.1.2 Modificações nas contratações

Em março de 2017, foi aprovado na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 4.302/1998, alterando dispositivos da Lei nº 6.019, de 1974, que trata do trabalho temporário em empresas urbanas e dispõe sobre as relações de trabalho nas empresas de prestação de serviços a terceiros. Sendo assim, neste dia o projeto foi sancionado pela Presidência da República, tornando-se a Lei 13.429/2017. Esse projeto, enviado à Câmara dos Deputados em 1998, tratava inicialmente da ampliação do Contrato de Trabalho Temporário, porém foi modificado para regular as empresas que realizam a contratação dos(as) trabalhadores(as) temporários (DIEESE, 2017).

A principal modificação nesta lei se referente a possibilidade da ampliação do prazo do contrato, que pode ser de 180 dias, prorrogáveis por mais 90 dias. Porém, ao final desse prazo, o(a) trabalhador(a) só poderá ser contratado novamente após 90 dias. Além disso, a contratação de trabalhadores(as) temporários somente poderá ocorrer “para atender à necessidade de substituição transitória de pessoal permanente ou à demanda complementar de serviços” (art. 2º da Lei 13.429/178, BRASIL, 2017). Essas modificações na legislação estão presentes nas falas das participantes.

Não, não cheguei a efetivar porque eu saí para ir para a fumageira. Daí foi o ano que eu trabalhei de fevereiro a dezembro na fumageira. Geralmente é 6 meses agora, a safra...

É, geralmente tu entra agora [...] que nem tu entra em março e a previsão é de sair em setembro...

É, que nem antes as safras eram mais longas, agora que tão ficando mais curtas.

[...] o ano passado eu só trabalhei dois meses. Comecei em abril até junho.

Era muito bom antes... Agora virou lei trabalhar 6 meses.

De acordo com as trabalhadoras safristas, anteriormente a contratação no trabalho da safra do fumo era em um período relativamente maior de como é atualmente, visto que algumas passavam praticamente o ano todo neste trabalho, ficando apenas um mês fora. Conforme a nota técnica disponibilizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) neste ano, a Lei do Contrato Temporário, não garante a segurança jurídica tão almejada pelas empresas e pode levar ao aumento de conflitos dessas formas de contratação, trazendo para os(as) trabalhadores(as) maior insegurança, instabilidade e precarização das condições de trabalho. O descontentamento em relação as novas formas de contratação são manifestadas pelas trabalhadoras, no que diz respeito a redução e a imprevisibilidade quanto ao tempo de trabalho.

Cada vez fica mais difícil. Eles não favorecem [...] Não fazem nada para favorecer a gente, né, na safra.

Na minha opinião, eu acho que a safra deveria ser mais tempo, né. Que nem eu falei, seria bem melhor. Seria bem melhor não só esses meses e deu, né.

Porque daí a gente pode comprar bem mais coisa. Pode contar com aquilo ali. É certo né. Tu trabalha todo 10, 11 meses é certo, né. Fica um mês em casa... Bem melhor se fosse certo todas as safras...

O desejo do aumento do tempo de contrato torna-se um desejo preponderante entre as trabalhadoras safristas. Preferem trabalhar durante onze meses e folgar um, sendo que este um mês de “férias” não seria remunerado. As mesmas parecem não ser dar conta do quanto este trabalho é precarizado e do quanto teriam mais acessos a direitos e benefícios caso fosse um trabalho efetivo com carteira assinada, ou seja, trabalhando o mesmo tempo e folgando durante um mês com férias remuneradas.

A aprovação da Lei 13.429/2017, combinada a outras medidas propostas no Projeto de Lei 6.787/2016, afeta drasticamente as condições de vida dos(as) trabalhadores(as). Além disso, alterará a estrutura do mercado de trabalho, aprofundando a heterogeneidade, a rotatividade e as desigualdades já existentes. Em consequência, serão ampliadas as desigualdades sociais no país, contribuindo para a “massificação do bico”, já que o prazo do contrato de trabalho temporário vai de 90 para 240 dias. Há um aumento na precarização do trabalho, pois as empresas poderão manter os(as) trabalhadores(as) durante o período que necessitarem, podendo demiti-los sem justa causa, sem nenhum direito garantido (DIEESE, 2017).

As transformações decorrentes das formas da organização do trabalho de safra, bem como as mudanças ocasionadas nas contratações estão marcadas diretamente comentários verbais das

trabalhadoras e nas entrelinhas de suas falas, demarcando o descontentamento e a insegurança perante o campo de trabalho. Todas essas modificações causam diversos impactos sobre o funcionamento psíquico, causando os mais diversos efeitos sobre a saúde mental dos(as) trabalhadores(as) (FLACH et al. 2009).

#### 4.2.1.3 Produção de incerteza perante o campo de trabalho

O trabalho na safra do fumo se configura como um modo de produzir que, mesmo temporário, se torna permanente ao longo dos anos para as trabalhadoras. Porém, em decorrência das transformações ocasionadas pelas alterações na legislação e nas formas de contratações, há uma produção de sentimento de incerteza perante este campo de trabalho, conforme apontado nos comentários verbais de algumas participantes.

[...] Tá bem diferente. A gente ia lá, queria trabalhar e já saía de lá encaminhada. Hoje não. Hoje tá assim: será que vão me chamar? Então tu fica nessa dúvida...

É, não tem previsão... Pois é, tu vê hoje é diferente.

É, o garantido é o contrato que a gente assina, né, que é agora é até vencer. Aí depois vai renovar ou não vai renovar. É instável, né.

De acordo com Tavares (2010) a dinâmica atual do cenário contemporâneo vem gerando uma grande instabilidade, pois ao mesmo tempo que se conquista algo, logo pode-se estar sujeito a perder, sem nenhuma garantia de que tais aquisições sejam eternas e duradouras. Assim, o sentimento de incerteza se faz permanente, principalmente no âmbito do trabalho de safra, podendo ocasionar um profundo mal-estar e sofrimento psíquico. As modificações na própria forma de organização do trabalho, também acarretam desconforto e incerteza quanto possíveis contratações, pois a cada momento encontram dificuldades quanto ao processo de reingresso na safra.

[...] às 11 horas nós *fumo* na firma. Porque a minha filha disse “mãe tão colocando gente para trabalhar [...]”. *Fumo* lá às 11 horas e já saímos com tudo pronto para trabalhar. Hoje já tem que ir 3, 4 vezes na firma.

Hoje tu tem que ir lá e pegar uma senha e mandar um currículo, é bem diferente né...

Primeiro tu vai lá para fazer um teste [...] E depois fui para levar a carteira e fazer exame médico. Sempre tem que ir mais vezes... Mas antes aqui na Empresa 1 e na Empresa 2, tinha que ir 3 ou 4 vezes... Um vez era para assinar, outra vez para fazer o exame médico, outra vez para ir lá pegar a roupa.

A insegurança e a incerteza perante o campo de trabalho predominam o cenário contemporâneo laboral. O trabalho na safra do fumo, conforme verbalizado pelas trabalhadoras, provoca muitas vezes estes sentimentos de incerteza e insegurança, provindos da instabilidade nas contratações e na própria legislação. Dessa forma, podem ocasionar, além do prejuízo financeiro, prejuízos psicológicos como sobrecarga emocional, ansiedade, medo e estresse (BOUYER, 2010).

#### **4.2.2 Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional**

Neste eixo serão apresentadas as questões que dizem respeito a construção da trajetória profissional das trabalhadoras safristas, abordando aspectos sobre como o trabalho na safra do fumo se constituiu em suas vidas. Este eixo se subdivide em dois sub-eixos, que abordam a representação deste trabalho para as trabalhadoras safristas, evidenciando os motivos para o ingresso e retorno neste trabalho.

Na era da globalização, da informação e do conhecimento, o mundo do trabalho vem estabelecendo soluções cada vez mais ágeis e efetivas com menor custo possível para o capital. Tais mudanças no mundo do trabalho, tornaram o mercado mais seletivo e restrito a contratações de profissionais aptos e qualificados para atender as exigências das novas configurações (SILVA, 2011). Conforme postula Manfredini (1999), há uma exigência de um “conjunto de habilidades, conhecimentos, criatividade e responsabilidade requeridas dos trabalhadores nos novos postos de trabalho” (p. 9).

Diante dessas transformações, o trabalho na safra do fumo, sempre representou para a população mais pobre, uma oportunidade de ingressar – mesmo que temporariamente – no mercado de trabalho. Assim, para muitas trabalhadoras safristas este trabalho se configura como única oportunidade profissional, tendo em vista o fato da baixa escolaridade e qualificação, já que as tarefas desempenhadas na safra não possuem uma exigência de ensino formal. A dificuldade de conseguir um trabalho efetivo corrobora para a entrada neste trabalho sazonal.

É que não tem como trabalhar efetivo, né... A maioria quer estudo, né. E aí a gente não teve estudo, criado para fora... Aí a gente tinha, ia até o segundo, terceiro, até o primário todo...

É que na época que eu iniciei não era tão difícil ainda, começar a trabalhar... Era mais fácil entrar nas fumageiras...

Eu por causa de falta de estudo. Antigamente a gente morava na colônia, só tinha até 4ª série. Não tinha como ir. Depois que eu tava aqui, com 18 anos que eu comecei a ir de novo no colégio. Me formei na 8ª, né. E depois [...] não consegui emprego. Era só a safra do fumo mesmo. Era muito difícil. Ou era doméstica ou diarista, né, ou só safra.

Não, eu tentei quando eu era mais nova (trabalho efetivo). Tentei mas não consegui. Não foi possível.

Porque eu fiz assim, sei lá, não fui bem na entrevista. Aí eu fiz o concurso também para trabalhar no estado, não deu, não consegui alcançar. Tudo assim.

A faixa etária também é um fator determinante para o ingresso na safra, visto que uma das participantes relatou dificuldade em reingressar de modo efetivo no mercado de trabalho, devido a sua idade “avançada”, conforme mencionado por um contratante. De acordo com Goulart Junior et. al (2009), estamos vivendo um momento em que os mais velhos são rejeitados por não serem mais considerados produtivos. O aumento da idade é acompanhado pela desvalorização, tendo em vista que se vive a exaltação da mercadoria sobre o homem e se tem a força de trabalho em detrimento da valorização humana.

A dificuldade é agora depois que meu marido faleceu. Aí eu não encontrei mais serviço. Aí eles me perguntaram a idade, né. Aí eu tava com 54, daí eles me responderam “ah, com 54 já não tem mais quase serviço para a senhora”. Em três agências que eu fui. [...] Daí não me deram, não tinha como eu trabalhar, daí. Daí eu fiquei em casa e esperei a safra.

O trabalho na safra do fumo se apresenta também como uma possibilidade de trabalho, devido muitas mulheres conseguirem se organizar e adaptar à rotina da casa e ao cuidado com os filhos, que, para muitas, isto ainda fica a cargo de suas responsabilidades. Este trabalho torna-se possível pois na safra há a existência do terceiro turno (22h às 5h). Muitas não têm com quem deixar os filhos durante o dia e, com a dificuldade de encontrar vagas em creches, optam por deixar os filhos aos cuidados do marido na madrugada para que possam trabalhar.

[...] Aí depois eu casei, com 24. Daí comecei na safra. Daí não tinha onde deixar o nenê, não tinha creche aquela época. Aí até que conseguisse, né. E daí eu fui para a safra de noite, e daí de dia eu fico em casa.

Trabalhei muitos anos a noite. Eu trabalhava só a noite e daí eu e meu marido, nós trocava. Porque não tinha creche também. [...] Aí nós tinha que fazer assim.

O trabalho profissional e familiar ainda está organizado de acordo com uma estruturada que acontece através de papéis de gênero estabelecidos socialmente. Sendo assim, é esperado que as mulheres estejam mais próximas ao ambiente familiar e doméstico do que os homens,

oferecendo um tempo maior de cuidado (VANALLI; BARHAM, 2012). Tendo em vista esta construção social e cultural, a falta de tempo para família e as dificuldades em acompanhar o crescimento dos filhos ocasionam sentimento de perda e culpa nas mulheres trabalhadoras por não estarem presentes a maior parte do tempo em casa.

Eu mais para não deixar as crianças muito em casa atirada sozinha, para ter alguém em casa, mais presente, daí eu faço só safra. Tive já duas oportunidades de trabalhar efetivo. Mas não quis. Agora que eles estão grande, até dá para pensar um efetivo.

[...] preocupação com os filhos em casa, né...

Só que assim, eu sinto um pouco, porque eu fico um pouco ausente dos filhos, sabe... Porque eu comecei a trabalhar cedo. Quando o meu marido me conheceu, eu tinha 18, 19 anos. Daí com 20 anos já a gente casou. Então, eu depois eu tive os filhos, e pouco eu pude ficar com eles, sabe? Porque a necessidade era grande, a gente pagava aluguel e tudo. Não tinha moradia, então era obrigado a levantar e trabalhar. Tinha que deixar os filhos, tinha que levar para a creche, eles eram pequenos. Tinha a guria com 3 ano e já tinha o outro nenê, então tinha que carregar um no colo, era muito trabalhoso. [...]. Sabe, isso não é fácil.

O trabalho na safra do fumo se apresenta, portanto, como uma oportunidade de trabalho para muitas mulheres que não possuem características exigidas pelo mercado de trabalho efetivo. Além disso, é um trabalho que se torna possível, tendo em vista a organização familiar que ainda é estruturada com a mulher como sendo a única responsável pela manutenção da mesma. Diante dessas configurações, as trabalhadoras safristas se sentem limitadas para adentrar no mundo do trabalho, tendo em vista o sistema social que as coloca responsáveis pelos cuidados domésticos e educação dos filhos, o que as impede de buscar um trabalho efetivo, já que não dividem tais tarefas de maneira com seus companheiros.

#### **4.2.2.1 Trabalho como empoderamento financeiro**

Por muitos anos as mulheres dependiam única e exclusivamente da fonte de renda de seus companheiros. Nesse contexto, o papel da mulher esteve, por muitas vezes, associado à submissão. Contudo, na década de 1970, através das conquistas e dos avanços dos movimentos feministas relativos a inserção da mulher em espaços considerados masculinos, estas passaram adquirir recursos para se empoderarem e conseguirem lutar por uma maior autonomia (CORTEZ; SOUZA, 2008).

A questão financeira é um dos motivos para o ingresso na safra do fumo. Algumas participantes, por não terem a possibilidade de ter um emprego fixo, tornam-se dependentes financeiramente dos maridos. Assim, a safra se torna uma saída para que possam adquirir bens que desejam tanto para elas quanto para os filhos, bem como ter a independência de fazer suas próprias escolhas.

Eu foi para ganhar o meu dinheirinho para adquirir minhas coisas e as coisas para as crianças.

Na época, como eu fiquei muito tempo em casa, né... Na época para ter um dinheiro. Para ser assim, para tentar ser um pouco mais independente, né. Porque até então era tudo com o marido, né. Dependia de tudo, né. Até de um desodorante [...] Porque mulher é mais vaidosa, né. Aí eu fui. Eu arrisquei, sabe. Porque os filhos eram pequenos...

[...] A gente que é nova, né. É ruim a gente ficar em casa só dependendo do marido, né. Esperando só por ele. É muito chato isso né.

[...] Fonte de renda, porque daí tu pode fazer o que tu quer, né. Tu pode fazer outra coisa. É interessante. Quem não trabalha, não tem aquele “up” pra frente.

Conforme já mencionado, o trabalho de safra mesmo que se constitui como um trabalho temporário, este permanece ao longo da vida para as trabalhadoras safristas. A questão financeira também é um dos motivos para o reingresso neste trabalho, de acordo com os comentários verbais das participantes.

O motivo é o troco, né. Ter mais um troquinho. Um pouquinho com mais um pouquinho melhor, né?

É o dinheiro, né... Que nem eu que fico os 6 meses em casa, tem que guardar uma reservinha para a entressafra, né.

A inserção da mulher no mercado de trabalho contribui para mudanças no sentido econômico, social e psicológico. Quando a mulher passa a ter renda, esta passa a ter voz mais ativa, tornando-se menos dependente dos outros, especialmente de figuras masculinas. De maneira geral, através do trabalho, as mulheres passam a ter um controle maior sobre determinadas esferas de suas vidas. Além disso, a contribuição da mulher para o crescimento da família torna-se mais visível socialmente quando passa a trabalhar fora de casa e recebe um salário (SEN, 2000). Contudo, cabe salientar que os salários das mulheres ainda são concebidos – até mesmo pelas próprias trabalhadoras safristas – como um complemento, uma “ajuda” a renda dos cônjuges.

Para complementar a renda, né...

É porque eu precisava, era só eu e meu marido. Ele trabalhando, e nós tínhamos duas crianças já, né. Daí nós como tinha uma casinha velha e nós queria fazer uma casa nova, eu disse: “não vamos lá, eu te ajudo a trabalhar”.

[...] Daí eu disse “não, eu vou te ajudar”. Porque ele sozinho ele não ia conseguir. [...] Mas ajudei mesmo a juntar o dinheiro, todo final do mês eu recebia e ele recebia também e ia lá e comprava as coisas. E *fumo* fazendo nossa casa. Em dois anos estávamos com nossa casa pronta.

Porque eu sempre tive o meu dinheiro, sempre trabalhei. Sempre ajudei em casa, o marido. E agora tem que ajudar mais ainda, né. Dois né [filhos]. Aí fica mais difícil. Eu já tô até pensando agora, como é que vai ser. Não sei se eu vou ficar em casa agora depois de junho. Se eu conseguir creche para ele, eu vou trabalhar. Não vou ficar em casa.

Também é um pouco de dificuldade também, porque só o dinheirinho da aposentadoria. Ainda mais que eu fiz empréstimo, daí nunca chega e daí tem que buscar mais... Daí é mais uma ajuda que vem.

A inserção da mulher no mercado de trabalho aconteceu através de profissões que necessitavam baixa qualificação e conseqüentemente, baixa remuneração. Devido a isso ligou-se a ideia de que seu salário seria complemento aos salários de seus maridos. Assim, o trabalho da mulher não era visto como realização profissional ou emancipação econômica, mas sim como um complemento financeiro a renda familiar (MACHADO, 2003). Dessa forma, construiu-se a concepção de que o trabalho do homem é considerado fundamental, sendo este o provedor da família, e o trabalho da mulher como sendo complementar.

[...] e aí fico mais dependente do marido. Mais dependente do marido. Aí tu não tem como ajudar. Não pode contar com nada, né. Ele não pode contar com nada contigo.

Percebe-se o quanto o fato de não estar trabalhando, torna-as dependentes de seus cônjuges, situação esta, que lhes causa incomodo e desconforto. Assim, um dos fatores que mostrou-se preponderante para o ingresso e reingresso na safra do fumo, de acordo com as falas das trabalhadoras safristas, é a questão financeira. Ao trabalharem, passam a conquistar de certo modo o seu espaço dentro da família e da sociedade, bem como adquirir bens que desejam. Contudo, o trabalho ainda é concebido como uma “ajuda” a renda dos companheiros, não sendo visto como importante e também principal.

#### 4.2.2.2 Trabalho como escape da rotina doméstica

O modelo de organização familiar tradicional sempre foi, ao longo da história, uma estrutura a ser preservada e seguida. A configuração familiar, pautada neste modelo, possui uma rígida divisão de trabalho com papéis sociais e culturalmente estabelecidos, sendo a figura do pai como único provedor financeiro e a da mãe como a única responsável pelas tarefas domésticas e pelas necessidades familiares. Este modelo de funcionamento familiar mantinha o *status quo* e trazia benefícios para o capital. Contudo, algumas mudanças, especialmente através dos movimentos sociais, contribuíram para o declínio desta configuração no final do século XIX e no início do século XX (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012).

Mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho desde a década de 1970, esta ainda é a principal responsável pelos afazeres domésticos e pelo cuidado familiar. Os papéis de gênero construídos historicamente parecem designar o que o sujeito será ao longo de sua vida. Desde crianças, meninos e meninas ouvem o que devem e o que não devem fazer. Assim, desde a infância, recebe da família um conjunto de regras e normas que comportam papéis pré-estabelecidos para mulheres e homens que ditarão a forma como se relacionaram com o mundo (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014).

Para as participantes da pesquisa, as definições dos papéis de gênero ainda são estabelecidas de forma que a maior responsabilidade da rotina da casa e o cuidado da família recaem sobre as mulheres, e de que os homens são os provedores, passando a maior parte do tempo fora de casa, trabalhando. Assim, o ingresso no trabalho de safra, se apresenta como uma oportunidade e, até mesmo, fuga para realizar outras atividades que não àquelas relativas à da rotina doméstica.

[...] tu sai da rotina da casa.

Sai da rotina da casa. Que a vida da mulher é assim na vida. A mulher, dona de casa faz e desmancha o mesmo serviço.

[...] que nem agora é só mais trabalhar, né. A única coisa que eu faço em casa é lavar roupa e fazer a comida, né. O resto é com o pessoal que tá em casa.

O trabalho no âmbito doméstico por não ser remunerado, não é reconhecido socialmente, tornando-se uma atividade repetitiva, desgastante e sem sentido. Conforme mencionado em seus comentários verbais, o trabalho doméstico “nunca tem fim”, pois as atividades diárias estão sempre em constante movimentação as atividades diárias, sendo um trabalho invisibilizado. Assim, o trabalho de safra permite que as mulheres participantes da pesquisa, possam realizar

tarefas que, de algum modo, façam sentido e que sejam reconhecidas socialmente. Dessa forma, a inserção no trabalho de safra possibilita que as mulheres tenham o sentimento de utilidade na realização das atividades profissionais e no prazer de estar em contato com outros ambientes e pessoas, contribuindo para sua saúde mental (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012).

Para mim, essa saída é para mim ocupa minha cabeça. Ter uma ocupação. Para me sentir útil. Não ficar só dentro de casa.

Não... Eu me sinto assim, como vou dizer... Me sinto útil, faço alguma coisa, não fico aqui dentro de casa. Trabalhar!

Ademais, o ingresso no trabalho da safra, possibilita que haja uma alteração na organização e nas relações familiares. De acordo com as trabalhadoras safristas, quando estas ingressam no período da safra, há uma modificação na dinâmica familiar e no âmbito doméstico, em que os cônjuges “ajudam” nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos. Isso faz perceber que, antes dessas mulheres ingressarem no mercado de trabalho, os companheiros não contribuía nem como forma de auxílio com os cuidados domésticos e com as crianças.

O meu [cônjuge] agora ajuda. Tá em casa junto.

O meu [cônjuge] ajuda é só quando eu trabalhando, senão ele não ajuda.

Sim. Quando o meu guri era pequeno, que estudava só de manhã e chegava e ficava em casa de tarde, ele fazia o serviço. Lavava a louça, limpava a casa. Principalmente a cozinha e roupa era tudo com ele.

Contudo, esta alteração na dinâmica familiar e doméstica acontece apenas no período que as mulheres ingressam para o trabalho de safra e qualificam a participação dos maridos como uma “ajuda”, na maioria das vezes. Assim, conforme já mencionado anteriormente, o trabalho doméstico ainda tem maior peso e responsabilidade para as mulheres, em que o trabalho do homem, dentro deste espaço, acontece apenas ocasionalmente, quando há uma necessidade maior.

O período da safra do fumo se apresenta como um momento de “oxigenação” das tarefas exaustivas e repetitivas dentro do espaço doméstico. Através do trabalho na safra, as mulheres participantes da pesquisa, tem a possibilidade de realizar tarefas distintas e com reconhecimento social, bem como estar em contato com outro espaço e com outras pessoas, para além de sua casa.

#### 4.2.2.3 Trabalho na safra como possibilidade de ascensão profissional

O espaço doméstico é um lugar associado à mulher e a sua história. Esta concepção foi construída historicamente e culturalmente em que os aspectos biológicos deram suporte ideológico para esta afirmação. Ao longo do tempo a mulher foi reconhecida como a “rainha do lar”, em que a própria mídia perpetuava como sendo aquela que sabe, por exemplo, escolher a melhor comida e o melhor sabor. Assim, este espaço exclusivo torna-se difícil de ser desconstruído, bem como o modo com que o poder simbólico masculino se apresenta na sociedade (SANTANA; DIMENSTEIN, 2005).

Desde o final da década de 1980 houve um crescimento significativo da participação feminina no mercado de trabalho. Entretanto, mesmo com essa maior inserção, a maioria das ocupações em que as mulheres estão envolvidas se apresentam com baixa remuneração e informalidade. O emprego doméstico, é um importante exemplo, pois é a ocupação com maior número de posto de trabalho entre as mulheres (THEODORO; SCORZAFAVE, 2011). Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, do IBGE, o trabalho doméstico continua sendo um dos líderes entre os postos de trabalho ocupados por mulheres, abrangendo 14% da população feminina.

Era só a safra do fumo mesmo. Era muito difícil. Ou era doméstica ou diarista, né, ou só safra.

Praticamente todas as trabalhadoras safristas que participaram da pesquisa possuem na sua trajetória profissional o trabalho de doméstica ou de diarista. O ingresso na safra do fumo aparece como uma possibilidade de ascensão profissional, pois mesmo que temporário, há uma saída do âmbito informal para a possibilidade de um trabalho em que há um reconhecimento social e a garantia de alguns direitos trabalhistas, como a assinatura na carteira de trabalho.

Ih, eu comecei mesmo lá de doméstica... E de doméstica eu fui para a safra, com 17 anos eu comecei a trabalhar na safra.

Daí eu *vortei* para a safra, aí depois fui trabalhar de doméstica. Trabalhei 7 anos de doméstica. Aí meu marido ficou doente, né. Aí eu tive que cuidar dele. Aí tive que sair do trabalho, aí eu cuidei dele 10 meses, aí ele faleceu. Agora em setembro faz 3 anos que ele faleceu. E agora tô na safra de novo.

Eu na minha vida, eu era da colônia, mãe trabalhava na roça com o meu pai. Depois com 18 eu fui para Santa Cruz, para a cidade trabalhar de doméstica. E daí eu fiquei acho que 4 anos numa casa. Daí eu cuidava de criança, fazia o serviço de casa e aí

fins-de-semana a gente ia para casa. Aí segunda a gente voltava de novo. Aí depois eu casei, com 24. Daí comecei na safra.

Ah, fica difícil né. Que nem antes eu tinha [...] eu sempre trabalhei, né. Eu trabalhei de doméstica. [...] . Eu sempre trabalhei assim. Nunca fiquei parada [...].

[...] quando chega a safra, né. Para poder assinar tua carteira. Por que tu ficar o no todo sem assinar tua carteira, né.

O trabalho na safra do fumo torna-se uma possibilidade de ingresso ao mercado formal, tendo em vista que a maioria das participantes, tiveram como primeira oportunidade de trabalho o âmbito doméstico. Constitui-se, portanto, um trabalho que oferece para as safristas um crescimento profissional com melhores garantias de direitos trabalhistas, mesmo que ainda esteja relativamente longe de um trabalho digno e não precarizado.

#### **4.2.3 Trabalho, Subjetividade e Gênero**

Nesta parte serão discutidas questões que se referem os processos de subjetivação das trabalhadoras safristas e o modo como as relações de gênero perpassam o mundo do trabalho e o campo organizacional do trabalho na safra. Inicialmente, será abordado sobre a subjetividade e os processos de subjetivação no trabalho, para posteriormente, abordar as relações de gênero construídas socialmente no âmbito laboral.

O trabalho por ser considerado central na vida dos(as) trabalhadores(as), produz um grande impacto na subjetividade dos trabalhares. De acordo com (ABBAGNANO, 1998), a subjetividade pode ser compreendida como o “o caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de ‘meus’” (p. 58).

De acordo com a Psicodinâmica do Trabalho, a análise da relação entre subjetividade e trabalho sugere que há um intenso engajamento. Esta teoria defende a ideia de que o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no universo subjetivo. Assim, o trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual sempre sai acrescentada, enaltecida, ou por outro lado, diminuída, mortificada. O trabalhar constitui para a subjetividade o ato de transformar. Desse modo, trabalhar não é somente produzir, mas também transformar a si mesmo, e na melhor das hipóteses, é um momento para que a subjetividade possa se testar e, até mesmo, se realizar. (DEJOURS, 2008).

A subjetividade é construída através da relação que são estabelecidas com o meio, no desenvolvimento da atividade e que é evidenciada nas lutas diárias pela afirmação de si, contra os sofrimentos e nas transformações de modos singulares de realização do trabalho (BRITO et al., 2012). Assim, no que se refere as questões de gênero, homens e mulheres se relacionam com base na subjetividade, sendo que cada um significa esse processo de acordo com suas experiências vividas (MACEDO et. al., 2012).

O movimento pela emancipação do sexo feminino que teve seu início no século XX, combateu algumas questões que tornavam a mulher invisível ocasionando algumas transformações no contexto social, passando a atuar para além do espaço privado, ingressando assim no mercado de trabalho (MACEDO et. al., 2012).

Cabe salientar, que mesmo com todas essas conquistas, a mulher ainda não possui a igualdade de gênero por completo, pois todos os acontecimentos ainda são centrados no público masculino. Assim, o avanço das mulheres no mundo do trabalho é gradual, não conseguindo romper em absoluto com o modelo patriarcal (MACEDO et. al. 2012). A divisão sexual do trabalho se mostra na medida que são construídas tarefas a serem desenvolvidas por homens e mulheres. Aos homens há uma associação de execução de trabalhos nobres, já às mulheres, o desempenho de trabalhos periféricos (HIDRATA, 2002).

Todas essas transformações e construções sócio históricas levaram a diferentes modos de subjetivação. Além disso, as relações de gênero são vividas e experienciadas de maneira distintas, em que ambos atribuem diferentes significações à sua atividade laborativa (MACEDO et. al. 2012).

#### **4.2.3.1 Prazer e Sofrimento no Trabalho de Safra**

A Psicodinâmica do Trabalho concebe o trabalho como central na construção da identidade, podendo ser fonte de prazer e realização, como também de sofrimento e adoecimento. De acordo com Dejours (1987) as vivências de prazer e/ou de sofrimento no trabalho, são expressas através de sintomas específicos relacionados ao contexto sócio profissional, bem como a própria estrutura de personalidade.

As vivências de prazer surgem a partir da mistura que o trabalho traz para o corpo, para a psique e para as relações interpessoais. As suas causas têm origem nas dimensões que o contexto de trabalho está organizado e estruturado. As vivências de prazer do trabalho, são

manifestadas por meio da gratificação, da realização, do reconhecimento, da liberdade e da valorização do trabalho. É uma vivência individual, mas que também pode ser compartilhada por um grupo de trabalhadores(as) (DEJOURS, 1987).

A vivência de trabalhar na safra do fumo se apresenta, para as participantes da pesquisa, como uma atividade que lhes proporciona prazer, realização e satisfação. Esta concepção se mostrou para todas as trabalhadoras safrististas, que demonstraram o contentamento de estar realizando este trabalho.

Ah, eu gosto muito da safra. Gosto mesmo.

O meu trabalho que eu faço, eu gosto. Eu gosto tanto e por isso eu estou até hoje, né. [...] E o meu serviço eu gosto do que eu faço, sabe. Gosto do meu trabalho e é assim.

Ah, eu gosto de trabalhar na safra. É bom, né.

O meu trabalho que eu faço, eu gosto. Eu gosto tanto e por isso eu estou até hoje, né. [...]

De acordo com Dejours (1996) as experiências provindas da satisfação dos desejos e necessidades, acontecem na medida em que há uma solução nos conflitos e contradições gerados em determinados contextos de produção de bens e serviços. O autor ainda argumenta que o prazer no trabalho pode ser um dos caminhos para a saúde mental dos(as) trabalhadores(as), pois possibilita a criação da identidade social e pessoal. As vivências de prazer no trabalho para as trabalhadoras safrististas são percebidas na medida que trazem o desejo de retorno, além das outras questões referentes às suas necessidades.

Outra questão que emerge a vivência de prazer para as participantes da pesquisa é a oportunidade de socialização, bem como a possibilidade de estar sempre conhecendo pessoas novas a cada safra. Em seus comentários verbais o espaço proporcionado por suas colegas no ambiente de trabalho, oportuniza que possam em certa medida, dividir seus problemas e angústias, podendo assim, aliviar seus sofrimentos e elaborar suas questões. Também, é um espaço em que podem “se distrair” e ter momentos de descontração, favorecendo à sua saúde mental.

A vantagem... A gente distrai a cabeça, brinca, conversa... E tá ali na produção, a gente sabe que tá...

Vantagem, a gente tem o salário da gente, né. Os conhecidos da gente, as colegas, as amigas que a gente tem...

É assim, a gente trabalhando, a gente assim, a gente esquece um pouco os problemas, aquelas coisas da vida. Todo mundo tem seus problemas. Então a gente trabalhando, parece que divide um pouco. Sei lá, um pouco recebe, um pouco dá lá para o colega.

Então a gente escuta e a gente vê que não tá sozinha. A gente vê que não tá sozinha, então a gente [...] isso faz bem para a gente. Porque aí a gente toma menos remédio, isso ajuda, sabe.

Às vezes a gente tá com um problema e todo mundo tem, né. Mas uma coisa que eu sempre soube separar era chegar no portão da empresa, os meus problemas pessoais, ficam para lá, sabe. E então passava e tu nem percebia as vezes as dificuldades, sabe. E hoje em casa, tu fica mais presa e mais [...] daí tu pensa mais. E lá não, lá tu tinha sempre o outro para contar um problema maior que o teu, as vezes. Ou então uma coisa engraçada que acontecia.

Ah, eu também. Adoro. Conhece pessoas, meu Deus!

Todo o ano tem gente nova, né.

[...] É que nem eu disse, eu gosto de trabalhar na safra, né. É que nem ela disse, a gente chega lá no próximo ano tá ansiosa para ver tuas colegas, né. Para conversar, tu se distrai. É coisas novas todo o ano, né. Todo o ano é pessoas novas. Mudança sempre tem, né. E aí eu gosto.

De acordo com Mendes (1995) o espaço coletivo construído pelos(as) próprios(as) trabalhadores(as), se constitui como um momento em que podem ser compartilhados os sentimentos de cooperação e confiança, bem como de questões que são semelhantes às suas. O espaço da fala, representa a expressão coletiva do sofrimento, bem como a busca de mecanismos de transformações de situações emergentes tanto no âmbito do trabalho, como na esfera particular de cada trabalhador(a).

Entretanto, quando o trabalho não proporciona a garantia da sobrevivência e a construção da identidade, pode resultar em um sofrimento, e se não for enfrentando adequadamente, poderá levar ao adoecimento. O sofrimento instaura-se quando a realidade do trabalho não oferece possibilidades de gratificação dos desejos e necessidades do(a) trabalhador(a). Assim, o sofrimento é inerente ao trabalhar, sendo originado pela angústia vivida pelo(a) trabalhador(a) ao se deparar com a impossibilidade daquilo que foi prescrito e a situação real do trabalho. (FREITAS; FACAS, 2013).

As vivências de sofrimento no trabalho podem ser manifestadas através dos males causados no corpo, na mente e nas relações socioprofissionais. As causas do sofrimento advêm do contexto do trabalho e manifesta-se por ansiedade, inutilidade, desvalorização e desgaste no trabalho. É compreendido também por meio das vivências alternadas de esgotamento emocional e falta de reconhecimento. O esgotamento emocional é expressado através da vivência de frustração, insegurança, inutilidade e desqualificação perante as expectativas de emprego, provocando esgotamento, desgaste e estresse. Já a falta de reconhecimento, acontece através das vivências de injustiça, desvalorização e pelo não reconhecimento do trabalho (FREITAS; FACAS, 2013).

Durante os encontros de grupo, bem como as entrevistas individuais, não foi relatado diretamente pelas trabalhadoras muitas vivências de sofrimento relativas ao ambiente de trabalho. Contudo, o sofrimento foi percebido no sentido de que as mesmas trazem este fazer como um trabalho desgastante e penoso, em virtude dos horários, pois em alguns turnos, precisam acordar muito cedo, já que dependem de transporte, e que, muitas vezes, levam em torno de uma hora para chegar até a empresa.

Porque é muito judiado. Que nem a minha mãe trabalhou a vida toda, anos sempre trabalhando no primeiro turno. Acordando de madrugada. Eu sempre quis primeiro turno, né. Eu não sei se ia aguentar o ano todo, acordando 3 e meia da manhã. Porque eu acordava, tomava meu banho. Então eu acordava cedo, o ônibus passava aqui 4 e 15, né. E eu acordava 3 e meia, tomava meu banho, porque eu não conseguia sair sem tomar meu banho, então acordava mais cedo. [...] E a minha mãe fazia o mesmo, então eu via todos os dias... E hoje eu vejo ela cansada disso, sabe. Dessa rotina.

Porque é muito puxado. É metade da noite, 3 e meia tu acordado.

É, dependendo se tem que acordar muito cedo... Tu perde vamos dizer 1 hora de sono.

Outro aspecto que foi evidenciado como uma questão que lhes causa sofrimento é o tempo de trabalho. As participantes da pesquisa, trouxeram como maior desvantagem a redução do tempo de contratação na safra, manifestando o desejo de que fosse em um tempo maior ou que fosse um trabalho efetivo. Além disso, trazem a questão da preocupação quanto à aposentadoria, pois com o trabalho de safra, a mesma acontece mais lentamente, pois necessitam trabalhar duas safras para conseguir validar um ano de trabalho.

[...] desvantagens é que não é efetivo, é só safra, né.

Se a safra ficasse efetiva era melhor, né.

Que nem agora é só 6 meses.

Mas também no final tem a questão da tua aposentadoria [...] Porque é mais difícil, tu tem que trabalhar duas safras para dar um ano, né.

O trabalho na safra do fumo se apresentou, portanto, como um espaço de socialização, em que as trabalhadoras usufruem para poder expressar e dividir suas vivências de angústias e dor, contribuindo para o alívio do sofrimento psíquico. Ademais, é um espaço de descontração, em que conseguem falar sobre outras questões para além do trabalho, favorecendo o equilíbrio psíquico e a saúde mental.

Contudo, este trabalho também traz, de certo modo, um sofrimento, em que relatam ser um trabalho penoso, demanda muito de seu tempo diário, verbalizando o cansaço e o desgaste

proporcionado pela rotina deste. Além disso, a redução do tempo de trabalho também é uma questão que ocasiona preocupação e sofrimento, tendo em vista que desejam uma continuidade de trabalho durante todo o ano, principalmente devido às questões financeiras e ao acesso a direitos trabalhistas, como a aposentadoria.

### 5.2.3.2 Safra do fumo: um trabalho feminino?

A inserção da mulher no mercado de trabalho é marcada por impasses, segregações e discriminações, colocando-as, geralmente, em condições menos favoráveis no campo profissional. Essa realidade é evidenciada a partir das condições trabalhistas e especialmente, pela forma como as mulheres se inserem no mundo laboral. As explicações para este panorama são um conjunto de fatores, tendo origem tanto no campo econômico, quanto a fatores socioculturais e institucionais: a diferença e a identidade feminina (biológica e social), o trabalho produtivo e reprodutivo, bem como a relação entre capitalismo e patriarcalismo, evidenciando a divisão sexual do trabalho (D'ALONSO, 2008).

A divisão social do trabalho não é uma simples divisão de tarefas, mas a manifestação de algo fundamental na existência histórica, a existência de diferentes formas de propriedade, isto é, a divisão entre as condições e instrumentos ou meios de trabalho e do próprio trabalho, incidindo por sua vez na desigual distribuição do produto de trabalho. Numa palavra: a divisão social do trabalho engendra e é engendrada pela desigualdade social ou pela forma de propriedade (CHAUÍ, 1980, p.61).

Conforme mencionado no eixo Trabalho de Safra como Oportunidade Profissional, este trabalho torna-se para muitas mulheres a única experiência possível dentro do mercado de trabalho formal. Essa realidade também é expressa através dos comentários verbais das participantes quando afirmam que há um número maior de mulheres atuando em comparação aos homens.

Ali é mais mulher. Muitas mulher. Eu acho que homem tem só uns 20.

[...] Tem um setor que tu olha assim, é só mulher. O setor da destala<sup>2</sup>. Isso é umas 200, 300 mulheres, só assim num lugar.

Sim, tem setores que tem 10, 12 homens. E 20, 30 mulheres.

Mais mulheres. Sempre mais mulheres.

---

<sup>2</sup> Destala é o setor onde se tira o talo da folha para em seguida ser posta em molhos e transformada no rolo. (informação obtida através das falas das participantes).

Tem. Tem bastante. Só mulher. É pouco homem. Se tiver uns 15 homens lá é muito.

A inserção das mulheres no trabalho de safra acontece principalmente na linha de produção da indústria. Geralmente, realizam tarefas que exigem menor ou nenhuma qualificação, repetitivas e que necessitam de habilidade manual e delicadeza (manuseio das folhas do fumo). Já os homens ficam com a função de chefias e funções consideradas mais pesadas. De acordo com os comentários verbais das participantes, há uma naturalização desta prática, que para elas é uma questão óbvia que este trabalho deve ser realizado por mulheres.

Eu acho que porque a maioria o serviço é para mulher, né. Porque o piker<sup>3</sup> é mulher.

A destala é mulher. Alimentação é mulher e homem. Daí vem o recebimento, né. Porque é um trabalho mais leve, né, o serviço do piker, da destala...

[...] Mas geralmente é mulher que tá destalando. Que nem no piker, tu não via um homem no piker. O homem era mais do serviço braçal, né. Tipo para ir lá e adicionar um fumo, ou carregar uma caixa, montar uma caixa, né.

Porque o serviço que tem é mais para mulher. É para a destala. O homem, o que que o homem faz, o homem pega o talo, tem o serviço mais pesado. E a mulher não...

É porque ali é destala. Aí é só coisa de mulher. Homem é só para puxar alguma gaiola. Coisas pesada. Porque é só destala para trabalhar.

Sim, tem que ser só mulher. Homem não tem aquela prática, eu acho.

“Trabalho de mulher” é a forma como as participantes da pesquisa denominaram o as atividades na safra no fumo. De acordo com Fiorin, Oliveira e Dias (2014) a diferença entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” ainda estabelece um valor, sendo depreciado, muitas vezes, aquilo que é associado ao feminino. Há uma relação de que o homem é visto como poderoso e forte, já a mulher é concebida como frágil e dócil. Essas concepções corroboram para que a entrada no mundo do laboral para as mulheres ocorra de maneira desigual.

No setor produtivo, geralmente, as profissões que exigem força física e trabalhos pesados, em ambiente sujos ou insalubres, geralmente são associados a estereótipos masculinos, pois necessitam de coragem e força. Já o trabalho feminino é associado a algo que seja leve e fácil, que exija paciência e minuciosidade, caracterizando assim, a divisão sexual do trabalho (FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014).

---

<sup>3</sup> É a etapa que são retiradas as folhas de fumo que não são adequadas para o processamento final (informação obtida através das falas das participantes).

Em relação as posições de lideranças no trabalho de safra, estes são ocupados majoritariamente por homens, segundo as falas das trabalhadoras safristas. Criou-se uma cultura de que o homem possui um poder de liderança e de persuasão maior, sendo elas consideram que apenas estes conseguirão gerenciar um número grande de mulheres presentes no trabalho de safra. Além disso, as oportunidades de crescimento são evidenciadas na maioria das vezes para os homens em relação às mulheres.

[...] sim, só encarregado homem.

[...] porque eles não querem encarregada mulher, lá.

Sim, já são comentários. Que mulher com mulher não vai dar certo, né. Que as mulheres não vão respeitar as mulheres como encarregadas. E os homens já põem mais respeito.

[...] porque que nem para comandar uma turma de 179 mulher, não é fácil, né.

Ali onde eu trabalhei, foi sempre mais homem. Na universal, a maioria é homem.

Só tem homens encarregados...

Mas para lidar com um bando de mulher...Só homem mesmo. O pior setor da empresa é a destala.

Mais homens. Geralmente eram homens, os líderes.

Percebe-se, portanto, a existência da divisão sexual no trabalho de safra, em que há uma tendência de colocar homens em cargos de maior qualificação e responsabilidade. A questão referente ao gênero no âmbito do trabalho implica em uma relação que, na maioria das vezes, o masculino é mais valorizado, o que conseqüentemente, produzem uma distribuição de oportunidades desiguais de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas, conforme o seu sexo. Essas relações são construídas constantemente ao longo da história, em que a ideologia dominante reforça e reproduz a subalternidade da mulher, passando a se apoiar nela para a sobrevivência de suas estruturas hierárquicas, patriarcais e conservadoras (MACÊDO; MACEDO, 2004).

Entretanto, há uma pequena movimentação entre as mulheres safristas, de questionar essas posições estabelecidas dentro das empresas, bem como a cultura que se estabeleceu dentro do contexto social do trabalho. Algumas concebem estas situações como uma reprodução machista, pois percebem a necessidade de haverem oportunidades de crescimento igualitária para todos.

Eu acho que é machismo da parte deles, né.

Mas é que eles não querem dar chance para a mulher, isso todo mundo já viu... Eles sempre dão uma puxadinha por ser mulher....

Contudo, evidenciou-se que as relações de gênero que colocam, muitas vezes, as mulheres em uma posição inferior em relação ao homem, se apresentam dentro do contexto do trabalho da safra do fumo. Há uma cultura instaurada de que os trabalhos que exigem uma maior cuidado e paciência são destinados à mulher e os trabalhos que exigem uma força maior, para os homens. Além disso, a concepção de que os homens devem estar em posições de liderança para que os processos de trabalho aconteçam adequadamente, também estão presentes nos discursos produzidos pelas trabalhadoras. Porém, pode-se perceber que, lentamente, está havendo uma modificação nesta forma de pensamento, em que há uma reflexão e problematização dos discursos e práticas sexistas.

#### **4.2.3.3 Produção de subjetividade a partir do trabalho de safra**

A subjetividade pode ser compreendida como uma instância não centrada apenas no indivíduo, ou seja, como algo que é produzido através dos meios individuais, coletivos e institucionais. A mesma é uma produção inacabada que se estabelece através dos encontros que vivenciamos com o outro (GUATTARI, 1992). Assim, ainda de acordo com o autor, a subjetividade é construída e modelada de acordo com o contexto social e histórico.

A subjetividade, por ser construída historicamente GUATTARI (1992), pressupõe que em cada época temos uma produção subjetiva. Assim, qualquer mudança que ocorra no meio social perpassa por uma produção de constante transformação de subjetividades, o que inclui os diferentes modos de ser e habitar os espaços de trabalho. Esta, pode ser considerada uma matéria prima mutante em que é possível experimentar e inventar diversas maneiras de ser e agir no mundo. Desse modo, por meio da história novos componentes são recorrentemente inventados e outros abandonados, na qual o sujeito se constrói intermediado por essa relação (MANSANO, 2009).

Os modos de subjetivação produzem sujeitos singulares, através da produção dos discursos e das formas como são capturadas as relações de poder/saber (FOUCAULT, 1995). Assim, os modos de subjetivação podem ter diferentes configurações, nas quais estas oportunizam diferentes formas de vida e formas de organização social, que se transformam no decorrer da história de acordo com os discursos vigentes (MANSANO, 2009).

De acordo com Nardi (2006) o trabalho é um campo em que a subjetividade se renova, se modifica, se cristaliza e provoca resistência. Esta relação acontece pela forma como os sujeitos foram subjetivados enquanto trabalhadores(as), constituindo modos de ser, pensar e agir de acordo com os costumes e morais vigentes, bem como os regimes de verdades estabelecidos por intermédio dos discursos (FOUCAULT, 1995). Assim, a subjetividade é pensada conforme a historicidade que são vividas as experiências, por intermédio do que é fabricado pelo quê e do como se faz no trabalho (AMADOR, 2014).

O trabalho na safra do fumo provocou algumas modificações na produção de subjetividades das trabalhadoras safristas. Conforme os comentários verbais, ao ingressarem na safra, desenvolveram algumas características que antes não possuíam, tendo em vista que inicialmente estavam imersas em um contexto de trabalho mais individualizado e solitário, características do âmbito doméstico. Através da convivência com outras pessoas, que possuem jeitos de ser diferentes dos seus, as trabalhadoras descrevem um desenvolvimento principalmente em suas relações interpessoais.

Tu convive com todas as classes sociais, sabe. E tu aprende muitas coisas. Tu aprende coisas boas e tu aprende coisas ruins, sabe. Então foi [...] para mim foi bom, sabe. Porque eu entrei, eu era muito ingênua. Porque eu casei nova, casei com 17, uma criança, né. E dentro de casa, aí eu saí, fui para a vida com 23 anos, eu não sabia nada. Não sabia nada. Aí tu convive com pessoas que passou por tudo, sabe.

Eu era muito tímida. Hoje eu já sou assim né, mais disposta de conversar... Lá tu né [...] tem muita gente, tu escuta muitas histórias, muitas coisas diferentes. E aí tu vai evoluindo no pensamento da gente como se diz. Evolui no pensamento.

[...] na marra tu amadurece, sabe. E tu tem várias opções, pode fazer várias coisas, porque é como eu te disse, tu convive com muita gente. E como eu posso te explicar, com todo o tipo de gente, com jovem, idoso, mulher, homens, sabe. Então foi muito válido para mim.

Ademais, o trabalho no fumo também possibilitou que as trabalhadoras pudessem ter outras visões de mundo, através das vivências e experiências do e no trabalho. De acordo com Nardi (2006) os modos de subjetivação vão se constituindo conforme as diferentes formas pelas quais os sujeitos constroem e são construídos a partir das experiências que vivenciam no cotidiano no trabalho.

[...] Cada ano é uma experiência nova. Cada ano é colegas novas, encarregado novo...

[...] Porque a gente na vida nunca sabe o que chega, né. A gente tá sempre aprendendo. Sempre descobrindo coisas diferentes, coisas novas.

[...] A gente, como eu, aprendi a conviver muito com outras pessoas. E assim, claro, eu fico na minha. Eu sou uma pessoa assim, eu posso escutar, eu posso tudo. Mas eu

fico sempre na minha. Eu aprendi muita coisa assim. Trabalho, faço o meu serviço, não precisa alguém tá, eu sei o que eu tenho que fazer. E assim, é isso.

Além do desenvolvimento interpessoal verbalizado pelas safristas em seus processos de subjetivação, outra questão que também mostrou-se pertinente foi a forma como este trabalho está organizado. A dimensão do tempo de trabalho na safra do fumo também engendra os processos de subjetivação das trabalhadoras safristas, tendo em vista que mesmo sendo sazonal, em que há uma ruptura em seu percurso, há uma espera pela safra seguinte.

[...] porque assim, um pouco eu acho que eu acostumei, com aquela rotina e sei lá, não consigo ficar parada. Chega o tempo do serviço, eu tenho que trabalhar.

Eu gosto assim, sabe. Eu já fico naquela [...] chega mês de novembro, dezembro já fica ansiada. Oh em janeiro ou fevereiro já posso ligar, né. Já posso ir de novo. Daí tu encontra as pessoas, encontra as colegas. Muita gente diferente, né. É muito satisfatório assim tu ir lá. Eu gosto.

De acordo com Guattari (1992) os processos de subjetivação acontecem através do encontro com o outro, com objetos, lugares, pelos atravessamentos com o tempo, com os sentimentos, com as leituras de realidade, enfim, com aquilo que causa uma perturbação. O trabalho na safra do fumo se articula com novas discussões contemporâneas em relação ao tempo. Sendo assim, podemos pensar que a forma como as trabalhadoras organizaram a sua dinâmica de vida, esta aliada a essa nova configuração de tempo do trabalho, as subjetivando-se através da repetição e da interrupção previsível.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega o final de um percurso. Percurso este que trouxe novos conhecimentos, novas descobertas, novos devires sobre o trabalho, novos pensares sobre a mulher em todas as suas esferas. Assim, na tentativa de findar este trabalho, pretende-se desenvolver questões significativas que foram percebidas ao longo desta caminhada de pesquisa, como reflexões teóricas e, principalmente, a vivência no campo.

Para que a realização desta pesquisa fosse possível, foram realizadas uma gama de estudos e aproximações com área a ser pretendida a conhecer e refletir. Assim, foram desenvolvidos estudos acerca das transformações ocorridas no mundo do trabalho desde o modelo Taylorista de produção até a Acumulação Flexível, que acarretou na intensificação das condições precárias de trabalho, principalmente para o público feminino. Dessa forma, foram levantadas questões de gênero para um entendimento dessa desigualdade laboral e social. Como base para a compreensão da produção de subjetividade no trabalho, foi utilizado os pressupostos teóricos da Psicodinâmica do Trabalho.

A presente pesquisa teve como objetivo principal a compreensão dos processos de produção de subjetividade das trabalhadoras safristas das indústrias do fumo da cidade de Santa Cruz do Sul. Este desejo em conhecer esta realidade, partiu do elevado número de mulheres que se encontram neste trabalho sazonal. Assim, surgiram objetivos específicos, que envolvem as transformações no mundo do trabalho e quais os impactos que estas ocasionaram na vida e na produção de subjetividade destas trabalhadoras.

A proposta inicial da metodologia desta pesquisa, era a realização unicamente de grupos com as trabalhadoras safristas, para que fosse possível discutir no coletivo as questões que permeiam o trabalho na safra. Contudo, mesmo com o auxílio primordial do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação (STIFA), houve uma resistência para a participação coletiva. Esta resistência pode ter ocorrido em função do panorama atual econômico e da mudança nas contratações das empresas, algo que encontra-se de modo instável e incerto. Assim, foi possível realizar alguns encontros e com poucas trabalhadoras, tornando-se necessário complementar o estudo com entrevistas individuais.

É inegável a centralidade que o trabalho possui na vida dos sujeitos. Este tem um papel potencializador de empoderamento e emancipação, de produção de subjetividade e de reconhecimento social, bem como de vivências de prazer e realização. Entretanto, pode se tornar alienante e causador de sofrimento, na medida que o capital se apropria de certas organizações e relações de trabalho.

Os pressupostos teóricos e práticos da Psicodinâmica do Trabalho se ancoram em questões primordiais: a compreensão das relações de trabalho, bem como a produção de subjetividade neste contexto. Assim, evidencia os aspectos que trazem prazer e realização no trabalho, como também de dor e sofrimento, que se não ressignificado e transformado, poderá acarretar em adoecimento.

Através do material levantando por meio dos comentários verbais das trabalhadoras safristas, foi possível realizar algumas reflexões sobre a organização do trabalho na contemporaneidade, bem como as formas como estas se subjetivam neste contexto. Assim, para facilitar a compreensão dos resultados da pesquisa, as questões evidenciadas foram divididas em eixos temáticos e sub-eixos temáticos de acordo com a necessidade de articulação.

A hipótese inicial de que no trabalho da safra do fumo é composto principalmente por mulheres, foi confirmado através das falas das participantes. Este, torna-se uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho, visto que, por possuírem baixa escolaridade e/ou baixa qualificação, tiveram dificuldades de ingressar em outros contextos de trabalho. Ademais, tendo em vista o modo de organização deste trabalho sazonal, torna-se uma possibilidade de trabalho para muitas mulheres que não possuem alternativas de locais para deixarem seus filhos, tendo em vista que estas ainda são as principais responsáveis pelo cuidado dos mesmos.

Constatou-se que as mulheres desempenham tarefas mais desqualificadas e repetitivas dentro do processo de produção, enquanto os homens ficam em cargos de chefia, denotando a exploração da força feminina de trabalho. Além disso, o trabalho de safra foi definido culturalmente como um “trabalho de mulher”, devido as características necessárias para o desenvolvimento das tarefas – minuciosidade e delicadeza – que são atribuídas socialmente ao feminino.

O ingresso no período da safra possibilita que muitas mulheres possam se empoderar tanto financeiramente, quanto socialmente. Mesmo que não aconteça durante o ano todo, no período em que estão trabalhando, conseguem adquirir bens que desejam, possuindo maior liberdade e autonomia de escolha. Além disso, há uma “fuga” da rotina doméstica, em que os companheiros passam a “ajudar” mais nas atividades diárias, não sobrecarrendo-as nesse período. Assim, o trabalho na safra possibilita que as mulheres desempenhem outras tarefas que não somente as do âmbito doméstico, bem como se torna um espaço de socialização com outras pessoas.

Uma questão que se tornou preponderante durante o processo de escuta destas trabalhadoras, foi que há um grande descontentamento em relação as modificações nas contratações. Atualmente, a Lei do Contrato Temporário 13.429 permite que o(a) trabalhador(a)

trabalhe durante o prazo de até 180 dias (que pode ser prorrogável até 90 dias ou não). Há uma insatisfação em relação a estas modificações, visto que anteriormente o período de contratação nas safras eram mais longos, chegando a permanecerem neste trabalho temporário durante o período de 11 meses. Contudo, as participantes parecem não se dar conta do quanto este trabalho é precarizado e do quanto teriam mais benefícios e direitos garantidos, caso fosse um trabalho efetivo.

Partindo dessa premissa, a lógica deste trabalho sazonal atravessa a produção subjetividade destas trabalhadoras. Mesmo com a ruptura previsível durante o processo de trabalho, há uma espera para a próxima safra. Algumas participantes, inclusive, quando tiveram a oportunidade de um emprego fixo, retornaram para a safra, apontando este como um “vício”. Essas questões denotam, portanto, a forma como as trabalhadoras se estruturam e se organizam neste contexto de trabalho, se subjetivando nesta temporalidade sazonal, seja pela falta de opções emprego ou pela repetição durante vários anos na safra, mesmo que contrarie o desejo de um emprego que efetivo.

Através da realização deste estudo, foi possível perceber o quanto o ingresso da mulher no mercado de trabalho formal ainda marcado por impasses e precariedade. Além disso, para as mulheres participantes desta pesquisa, o trabalho se torna algo que acontece tardiamente ao do homem, em que se adequam de acordo com a configuração familiar existente no momento. Diante disso, espera-se poder contribuir com investigações futuras que abordem às questões referentes às relações de gênero e trabalho, bem como ampliar as discussões referentes a esta temática.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Os caminhos da liofilização organizacional: as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil. **Idéias, Campinas**, v. 9, n. 10, p. 13-24, 2002/2003. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/168775218/Ricardo-Antunes-Os-Caminhos-Da-Liofilizacao-Organizacional>>. Acesso em 15 set. 2016

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENITILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 34-48.

ARAÚJO, A. M. C.; AMORIM, E. R. A.; FERREIRA, V. C. Os sentidos do trabalho da mulher no contexto da reestruturação produtiva. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIA SOCIAIS, 2004, Coimbra. **Anais do VIII Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciência Sociais**. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em <[http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel29/AngelaAraujo\\_ElaineAmorim\\_VeronicaFerreira.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel29/AngelaAraujo_ElaineAmorim_VeronicaFerreira.pdf)>. Acesso em Set. 2016.

ARAÚJO, A. M. C.; CARTONI, D. M.; JUSTO, C. R. D. M. J. Reestruturação produtiva e negociação coletiva nos anos 90. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 85-112, Fev, 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092001000100005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092001000100005&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 15. Set. 2016

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Trabalho, precarização e relações de gênero em tempos de flexibilização e reestruturação produtiva. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2007, Recife. **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

BAIERLE, T. C., MERLO, A. R. C. Saúde mental e subjetividade no trabalho de uma guarda municipal: estudo em psicodinâmica do trabalho. **Car. de Psic. Social**. v. 11, n. 1, 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v11n1/a06v11n1.pdf>>. Acesso em maio de 2017.

BAIERLE, Tatiana Cardoso. **Ser segurança em tempos de insegurança: sofrimento psíquico e prazer no trabalho da Guarda Municipal de Porto Alegre** (201 p.). Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12072/000622097.pdf?sequen>>. Acesso em maio de 2017.

BOTTEGA, Carla Garcia. **Loucos ou heróis?** um estudo sobre prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

BOUYER, Gilbert Cardoso. Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: "o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador". **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 249-259, Dez. 2010. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572010000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200007)>. Acesso em junho de 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.429**, de 31 de março de 2017. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13429.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13429.htm#art1)>. Acesso maio de 2017.

BRITO, Jussara Cruz de et al . **Saúde, subjetividade e trabalho:** o enfoque clínico e de gênero. *Rev. bras. saúde ocup.*, São Paulo , v. 37, n. 126, p. 316-329, Dez. 2012. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572012000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572012000200013)>. Acesso em junho de 2017.

CADONÁ, Marco André. A indústria fumageira e o mercado de trabalho de Santa Cruz do Sul-RS. **Revista brasileira de desenvolvimento regional**, 3 (1), p. 205-221, Blumenau, 2015. Disponível em < <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/4641/pdf>> Acesso em Set. 2015.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAUÍ, Marilene. **O que é Ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

CODO, Wanderley; SORATTO, Lucia; VASQUES-MENEZES, Iône. Saúde mental e trabalho. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil.** Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 286.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 171-180, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/05.pdf>>. Acesso em junho de 2017.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 29-37, 2007. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400006)>. Acesso em maio de 2017.

CRUZ, Sabrina Ângela França da Silva. Flexibilização e precarização das relações de trabalho: a urgência de um debate. **Revista Humanizas**, v.1, n.1, 2013. Disponível em < <http://www.isesc.edu.br/ojs/index.php/humanizas/article/view/38>>

- DALONSO, Gláucia de Lima. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 15, dez. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000400003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400003)>. Acesso em junho de 2017.
- DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- \_\_\_\_\_. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte (Org.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2008.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade, trabalho e ação. **Prod.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, Dez. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65132004000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004)>. Acesso em junho de 2017.
- \_\_\_\_\_. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- DIEESE (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS). Os impactos da Lei 13.429/2017 (antigo PL 4.302/1998) para os trabalhadores. **Nota Técnica**, nº 175, 2017. Disponível em <<https://www.dieese.org.br/notatecnica/2017/notaTec175TerceirizacaoTrabalhoTemporario.pdf>>. Acesso em maio de 2017.
- FERREIRA, Mário César; MENDES, Ana Magnólia. **Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores fiscais da previdência social brasileira**. Brasília: Edições Ler, Pensar, Agir (LPA), 2003.
- FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Rev. bras. orientac. prof.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005)>. Acesso em junho de 2017.
- FLACH, Leonardo et al. Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 193-202, Ago. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em junho de 2017.
- FREITAS, A. P. A.; SILVEIRA, N. L. D. Ética na pesquisa com sujeitos humanos: aspectos a destacar para investigadores iniciantes. **Psicol. Argum.** 26(52), 35-46, jan./mar., 2008.
- FREITAS, Lêda Gonçalves de Freitas; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 13, n. 1, 2013. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7880>>. Acesso em junho 2017.

FREITAS, Lêda Gonçalves de; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 7-26, abr. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812013000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100002)>. Acesso junho de 2017.

GARCIA, Pedro. Indústria e comércio puxam as contratações. **Jornal Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, 7 de março de 2017. Caderno Geral, p. 5

GHIZONI, Liliam Deisy et al. Clínica psicodinâmica do trabalho: a Prática em diversos Contextos de Trabalho. **Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 1, n. 1 jul/dez, p. 74-92, 2015. Disponível em <<file:///C:/Users/Renata/Downloads/796-1-8445-2-10-20160229.pdf>>. Acesso em maio de 2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GOULART JUNIOR, Edward et al. Considerações sobre a terceira idade e o mercado de trabalho: questionamentos e possibilidades. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 429-437, set./dez. 2009. Disponível em <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/250>>. Acesso em maio de 2017.

GRISCI, Carmem Lígia Lochins. Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva e o papel da Psicologia nas organizações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 2-13, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931999000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000100002)>. Acesso em maio de 2017.

GUARESCHI, Pedrinho. Quantitativo versus qualitativo: uma falsa dicotomia. **Revista Psico**, 29 (1), 165-174, 1998.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Trabalho, trabalhadores e questão social na sociabilidade capitalista. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 101-115, jun. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172014000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 set. 2016.

HELOANI, Roberto; LACMAN, Selma. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 077-086, Set./Dez. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/0D/prod/v14n3/PROD%20v14%20n3.pdf#page=77>>. Acesso em maio de 2017.

HIRATA, Helena. Adeus à divisão sexual do trabalho?: desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. **Soc. estado.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 709-732, Dez. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69222012000300014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69222012000300014)>. Acesso em 17 set. 2016.

\_\_\_\_\_. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 24-41, Jun. 2009. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222009000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100003)>. Acesso em 14 de set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Bontempo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

JORGE, V. de A.; ALBAGLI, S. Papel da informação na área da qualidade: do fordismo ao capitalismo cognitivo. **TransInformação**, Campinas, 27(3):245-253, set./dez., 2015. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v27n3/0103-3786-tinf-27-03-00245.pdf>>. Acesso em 12 set. 2016.

KALLEBERG, Arne L. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 21-30, Fev. 2009. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092009000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000100002)>. Acesso em 14 set. 2016.

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 6, p. 79-90, dez. 2003. Disponível em < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172003000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006)>. Acesso em maio de 2017.

LAVNCHICHA, Glayce Rejane Felipe da Silva. A clínica psicodinâmica do trabalho: teoria e método. **Khóra: Revista Transdisciplinar**, v. 2, n. 2, maio 2015. Disponível em < <http://site.feuc.br/khóra/index.php/vol/article/view/45>>. Acesso em maio de 2017.

LOPES, M. N; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 917-928, dez. 2014. Disponível em < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2014000400018](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018)>. Acesso em junho de 2017.

MACEDO, F. et al. Relações de gênero e subjetividade na mineração: um estudo a partir da fenomenologia social. Rio de Janeiro: **RAC**, v.16, n°2: 217-236, 2012. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rac/v16n2/v16n2a04.pdf>>. Acesso em junho de 2012.

MACEDO, Goiácira Segurado; MACEDO, Kátia Barbosa. As relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 61-90, jun. 2004. Disponível em < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572004000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572004000100004)>. Acesso em junho 2017.

MACHADO, Odila de Melo. Códigos legais e códigos sociais – o papel dos direitos e os direitos de papel. In: HESKETH, Maria Avelina Imbiriba (Org.). **Cidadania da mulher, uma questão de justiça**. Brasília: OAB Editora, 2003.

MANFREDI, Silvia Maria. Trabalho, qualificação e competência profissional - das dimensões conceituais e políticas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 19, n. 64, p. 13-49, Set. 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301998000300002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301998000300002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em maio de 2017.

MARTINS, Ronei Ximenes. **Metodologia de pesquisa: guia de estudos**. Lavras : UFLA, 2013.

MATOS, E.; PIRES, D. Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 508-514, Set. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072006000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000300017)>. Acesso em 12 set. 2016.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível em <[ojs.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/download/22222/pdf\\_5](http://ojs.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/download/22222/pdf_5)>. Acesso em 08 nov. 2016.

MENDES, A. M.; ARAUJO, L. K. R.; MERLO, A. R. C. Prática clínica em psicodinâmica do trabalho: experiências brasileiras. In: BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (Orgs.). **Clínicas do Trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931995000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100009)>. Acesso em junho de 2017.

MENDES, Ana Magnólia, COSTA, Viviane Paz; BARROS, Paloma Castro da Rocha. Estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7778>>. Acesso em junho 2017.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 141-156, dez. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172009000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000200002)>. Acesso em junho de 2017

MOURA, A. F.; LIMA, M. G.; A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/viewFile/18338/11399>>. Acesso em 24 out. 2016.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. In: III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2014, Londrina. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Universidade de Londrina, 2014.

NEVES, M. de A.; PEDROSA, C. M.. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 11-34, jan./abr 2007. Acesso em: 11 set. 2016. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v22n1/v22n1a02.pdf>>.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 149, p. 404-421, Ago. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742013000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742013000200003)>. Acesso em 17 set. 2016.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas: Autores Associados, 2004.

PEDROSO, Márcia Nair Cerdonete. **A reestruturação do trabalho e a formação do trabalhador**. 2006. 73 f. Monografia de especialização (Pós-graduação em Pensamento Político) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

PEREZ, Karine Vanessa. "**Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali**": clínica da psicodinâmica do trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado. Dissertação de mestrado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional)

PUNTEL, Emerson Roberto. **Efeito da polarização da indústria fumageira na economia do Vale do Rio Pardo**. Monografia de conclusão do curso de Ciências Econômicas Santa Cruz do Sul: UNISC, 1999.

QUEIROZ, V. dos S.; ARAGON, J. A. O. Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 787-819, Dez. 2015. Disponível <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612015000400787](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612015000400787)>. Acesso em 17 set. 2016.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**. n. 04, p.129-148, maio de 2008. Disponível em <<http://www.uniara.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/328>>. Acesso em maio de 2017.

ROSA, M. V. de F. P. do C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTANA, Munich; DIMENSTEIN, Magda. Trabalho doméstico de adolescentes e reprodução das desiguais relações de gênero. **Psico-USF**, v. 10, n. 1, p. 93-102, jan./jun. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v10n1/v10n1a12.pdf>>. Acesso em maio de 2017.

SILVA, Genivânia Maria. **As facetas do trabalho feminino e a questão de Gênero no contexto da reestruturação Produtiva:** um estudo de caso nas olarias de Itabaiana/SE. In: **XIII Jornada do Trabalho:** A irreformabilidade do capital e os conflitos territoriais no limar do século XXI. Novos desafios da geografia do trabalho, Presidente Prudente, 2012. Disponível em <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/jtrab/n1/50.pdf>>. Acesso em 17 set. 2016.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Complexo agroindustrial do fumo e território:** a formação do espaço urbano e regional no vale do Rio Pardo – RS. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2007.

SPIES, Rosalice Silva. **O Processo de especialização produtiva da microrregião fumicultura de Santa Cruz do Sul – RS.** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2000.

## **APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

#### **Curso de Psicologia**

---

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Esta pesquisa tem como intuito compreender os sentidos e significados produzidos pelo trabalho de safra nos processos de subjetivação das trabalhadoras safristas das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul. Esta pesquisa está sendo realizada como parte do trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia/Formação de Psicólogo.

Os procedimentos para a realização dessa pesquisa são encontro de grupos. Todos os encontros serão gravados com o objetivo de obter uma leitura e escuta fidedigna das falas das participantes. Após a realização da pesquisa essas gravações serão arquivadas, juntamente com as transcrições por cinco anos. Serão utilizados dados gerais da pesquisa de modo a não identificar as participantes, assegurando o caráter sigiloso e ético da pesquisa. Em caso de desistência da participação na pesquisa, o desligamento poderá ser solicitado a pesquisadora em qualquer etapa do processo.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação nessa pesquisa, pois fui informada, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido. Também, declaro ter sido igualmente informado sobre a gravação dos encontros de grupo. Esse material será arquivado pelo professor orientador em local adequado à manutenção do sigilo das identidades. Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;

- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvi pelo orçamento da pesquisa.

Esta pesquisa será desenvolvida pela acadêmica Renata da Silveira Borstmann, sob coordenação da professora Karine Vanessa Perez. Como pesquisadora, confirmo meu compromisso ético com as participantes da pesquisa e coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos: e-mail: renatasborstmann@mx2.unisc.br, telefone (51) 996477538, e-mail: karineperez@unisc.br, telefone (51) 994394334. Deixamos também a disposição os contatos do Comitê de Ética da Unisc: telefone: (51) 3717-7680 e e-mail: cep@unisc.br.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa e outra com a pesquisadora.

---

Renata da Silveira Borstmann  
(Auxiliar de Pesquisa/Acadêmica)

---

Karine Vanessa Perez  
(Pesquisadora/Orientadora)

De acordo,

Nome do Sujeito de Pesquisa \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.



## **APÊNDICE B - QUESTÕES NORTEADORAS PARA OS ENCONTROS DE GRUPO E ENTREVISTAS INDIVIDUAIS**

1. Gostaria que você(s) me contasse(m) um pouco sobre as experiências profissionais que tiverem ao longo da vida. Qual foi o primeiro emprego? Quais as dificuldades/facilidades encontradas para a inserção no mercado de trabalho?
2. Quando que você(s) iniciou(am) no trabalho de safra nas Indústrias do fumo?
3. O que levou vocês a trabalhar(em) como safrista(s)?
4. Como vocês se sentem neste trabalho? Como é trabalhar na safra por alguns meses?
5. O que motiva o retorno para o trabalho na safra?
6. Você(s) exerce(m) alguma atividade remunerada no período da entressafra?
7. Quais as vantagens e desvantagens que você(s) considera(m) trabalhar na safra do fumo?
8. Trabalhar na safra de fumo trouxe algumas transformações no jeito de ser de você(s)? Quais? (Abordar o antes e o depois de ingressar no trabalho de safra).
9. Houve alguma mudança para você(s) enquanto mulheres que foi proporcionada por este trabalho como safrista(s)? Se sim, quais?
10. Há mais alguma coisa que você(s) gostaria(m) de falar sobre este trabalho?
11. Como você(s) estão se sentindo agora, após os nosso(s) encontro(s) para falar do trabalho?

**APÊNDICE C - CARTA DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO**